The background is a vibrant blue with abstract, flowing patterns. In the center, an open book glows with a bright yellow light. Above the book, a large yellow lightbulb icon is surrounded by several smaller icons: a location pin, an envelope, a speech bubble with an equals sign, and a target symbol. Silhouettes of people are visible on the left and right sides, appearing to be in conversation. The overall theme is knowledge, communication, and innovation.

ENTRE PESSOAS E NARRATIVAS: o poder do storytelling na formação em Gestão de Recursos Humanos

Maria Sílvia Rodrigues Alves (org.)

Franca-SP
2026

**ENTRE PESSOAS E
NARRATIVAS:
o poder do storytelling na
formação em Gestão de
Recursos Humanos**

Maria Sílvia Rodrigues-Alves (org.)

Franca, SP
2026

Copyright © 2026,
Direitos desta edição reservados a: contacommaria.

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)
Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes – CRB-8 8846

R696e Rodrigues-Alves, Maria Sílvia (org.).

Entre pessoas e narrativas: o poder do storytelling na formação em gestão de recursos humanos / Organizadora: Maria Sílvia Rodrigues-Alves. - 1. ed. - Franca, SP: Edição da Autora, 2026.
145 p.
E-book: 1,70 Mb; PDF.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-02-10485-9

1. Gestão de Pessoas. 2. Narrativa Profissional. 3. Retórica e Comunicação. 4. Storytelling. I. Título. II. Assunto. III. Organizadora.

CDD 658.3
CDU 331.101.262

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Gestão de recursos Humanos.
2. Recursos humanos.



ENTRE PESSOAS E NARRATIVAS: O PODER DO STORYTELLING NA FORMAÇÃO EM GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

RODRIGUES-ALVES, Maria Sílvia (org.). Entre pessoas e narrativas: o poder do storytelling na formação em gestão de recursos humanos. 1. ed. Franca, SP: Edição da Autora, 2026. E-book (PDF; 1,74 Mb). ISBN 978-65-02-10485-9.



Prefácio

Vivemos em uma era de dados, algoritmos e métricas de desempenho. No entanto, o coração pulsante de qualquer organização permanece inalterado: são as pessoas e as histórias que elas carregam. A obra *Entre Pessoas e Narrativas* surge não apenas como uma coletânea acadêmica, mas como um manifesto sobre a humanização do ensino e da prática na Gestão de Recursos Humanos na FATEC Franca.

A proposta central do trabalho, organizada pela Profa. Dra. Maria Sílvia Rodrigues-Alves, reside na aplicação do *storytelling* como ferramenta pedagógica e profissional. Ao longo destas páginas, o leitor é convidado a percorrer as jornadas de estudantes que, ao narrarem suas próprias trajetórias, transformam experiências pessoais em competências profissionais fundamentais, como a empatia, a escuta ativa e a resiliência.

A estrutura da obra reflete a diversidade do corpo discente do Curso de Gestão de Recursos Humanos da Fatec Franca, oferecendo um mergulho sobre as características formativas dos futuros profissionais que irão cuidar das pessoas nas organizações. Sendo que a primeira ressalta a Identidade como Base, pois são relatos que exploram as origens e os valores que moldam o futuro gestor. Na sequência pode-se destacar a superação como método, refletida nas narrativas, demonstram como o enfrentamento de perdas, mudanças e desafios socioeconômicos forjam profissionais mais preparados para lidar com a complexidade humana nas empresas. Também é possível verificar na terceira característica o propósito no RH, vislumbrados a partir dos textos que revelam o momento exato em que a curiosidade pelas pessoas transformou-se em uma escolha de carreira consciente e apaixonada.

Mais do que uma técnica de comunicação, o *storytelling* aqui é apresentado como um elo entre a teoria acadêmica e a prática profissional com muita sensibilidade.

Os autores, que são atuais estudantes e futuros líderes de RH, mostram que entender a própria história é o primeiro passo para compreender e desenvolver o potencial do outro.

Dessa forma, este *e-book* oferece um modelo inovador de projeto pedagógico que valoriza a subjetividade no ensino superior de excelência. Para profissionais da área, serve como um lembrete inspirador de que as organizações são feitas de “fios e fé”, de “retalhos” e de constantes recomeços.

Ao abrir este *e-book*, prepare-se para encontrar mais do que textos: você encontrará vidas que se cruzam na busca por uma gestão de pessoas mais ética, profunda e, sobretudo, humana.

Prof. Dr. Fernando Dandaro

Coordenador do CST em Gestão de Recursos Humanos
FATEC - Faculdade de Tecnologia de Franca "Dr. Thomaz Novelino

Introdução

Há algo profundamente humano no ato de contar histórias. Antes mesmo de aprendermos teorias, técnicas de gestão ou estratégias empresariais, aprendemos a narrar a vida, pois, desde muito cedo, contamos quem somos, de onde viemos, o que sonhamos, o que tememos e aquilo que desejamos nos tornar. Talvez por isso o *storytelling* seja hoje uma das ferramentas mais potentes no universo da comunicação, porque ele não nasce apenas da fala, mas da experiência humana.

Esta obra nasce exatamente desse encontro entre comunicação, humanidade e trajetória. Organizada a partir das produções dos alunos do curso de Gestão de Recursos Humanos da Faculdade de Tecnologia de Franca, ela é fruto das vivências construídas na disciplina de Comunicação Empresarial, espaço em que buscamos compreender que comunicar não é apenas transmitir informações, mas revelar sentidos, construir presença e desenvolver identidade.

Entre tantos conteúdos trabalhados ao longo da disciplina, houve um propósito que se tornou central: fazer com que cada aluno, futuro gestor, aprendesse a olhar para dentro de si. Em um mundo corporativo cada vez mais acelerado, técnico e automatizado, insistimos naquilo que jamais poderá ser substituído, a capacidade de ser gente. Saber falar da própria trajetória, reconhecer as marcas da própria história, compreender dores, conquistas, silêncios e recomeços também faz parte da formação de um profissional.

Afinal, liderar pessoas exige, antes de tudo, humanidade. E a humanidade começa no encontro consigo mesmo. Antes de conduzir equipes, administrar conflitos, motivar colaboradores ou ocupar cargos de liderança, é necessário saber quem se é. A verdadeira liderança não nasce apenas das técnicas aprendidas em livros, cursos ou treinamentos corporativos; ela nasce da consciência de si, da capacidade de reconhecer as próprias emoções,

limites, desejos e valores.

Existe uma dimensão da comunicação que antecede todas as outras, a comunicação intrapessoal. É nela que o sujeito conversa consigo mesmo, interpreta suas experiências, organiza seus pensamentos e atribui sentido à própria existência. Um gestor que não consegue escutar a si mesmo dificilmente conseguirá escutar o outro com profundidade. Da mesma forma, alguém que desconhece suas próprias fragilidades tende a exercer uma liderança endurecida, mecânica ou distante das necessidades humanas que atravessam os ambientes de trabalho.

Por isso, formar líderes também significa formar sujeitos conscientes de sua própria trajetória. Significa ajudá-los a perceber quais histórias carregam, quais sonhos os movem, quais medos os silenciam e quais valores orientam suas escolhas. O autoconhecimento não é um elemento secundário na liderança, é fundamento.

Quando alguém compreende a própria narrativa, passa também a compreender melhor as narrativas alheias.

Em um cenário profissional frequentemente marcado pela produtividade excessiva, pelos números e pelas metas, torna-se urgente recordar que organizações são feitas de pessoas, e pessoas são feitas de histórias, emoções, memórias e sentidos. Liderar, portanto, não é apenas delegar tarefas ou alcançar resultados. É criar espaços de escuta, pertencimento e reconhecimento humano.

Talvez por isso o *storytelling* possua um papel tão significativo na formação de futuros gestores. Ao narrar a própria trajetória, o aluno não apenas exercita competências comunicativas, mas também aprende a olhar para si com mais profundidade. Aprende a perceber que sua história possui valor, que sua voz possui potência e que sua experiência pode gerar identificação e acolhimento no outro.

Porque, no fim, grandes líderes não são aqueles que apenas sabem

falar bem para os outros, mas aqueles que aprenderam, primeiro, a escutar a própria voz interior.

Por isso, este projeto não foi somente uma atividade acadêmica. Foi um exercício de escuta, de memória e de coragem. Coragem para revisitar experiências, reconhecer vulnerabilidades, transformar vivências em palavras e perceber que cada trajetória carrega uma potência narrativa única. Mais do que escrever textos, os alunos foram convidados a se tornarem protagonistas de suas próprias histórias.

E talvez resida aí a maior beleza desta obra, pois cada narrativa aqui presente carrega marcas singulares, mas também ecos que traspõem barreiras. Em muitos momentos, o leitor poderá reconhecer a si mesmo nas palavras do outro, nos medos diante do futuro, nas inseguranças, nas tentativas de pertencimento, nos sonhos profissionais, nas superações silenciosas e nas pequenas vitórias cotidianas.

Espero, profundamente, que estas histórias acolham quem as lê e produzam identificação, porque as histórias possuem esse poder raro de nos lembrar que não estamos sozinhos.

Este trabalho também representa um marco em minha trajetória docente. Embora eu desenvolva há muitos anos pesquisas, práticas e estudos voltados às narrativas, à oralidade e à comunicação, foi somente com esta turma que consegui realizar este projeto da maneira como sempre imaginei, permitindo que a escrita profissional dialogasse com a dimensão humana de cada estudante.

Minha caminhada como professora sempre esteve profundamente ligada à arte de narrar. Antes mesmo da universidade, da pesquisa acadêmica e das teorias da linguagem, fui atravessada pelas histórias. Como contadora de histórias, aprendi que a voz do narrador não é apenas um instrumento sonoro, ela é presença, corpo, emoção, intenção e memória. Em minhas pesquisas, tenho buscado compreender justamente essa força da voz

narrativa, a voz que não apenas comunica, mas toca, mobiliza e produz sentidos.

A voz do narrador carrega humanidade. Ela revela ritmos interiores, emoções, pausas, silêncios e afetos. E, de certo modo, cada texto desta coletânea também possui uma voz própria. Ao escreverem suas trajetórias, os alunos imprimiram nelas suas marcas subjetivas, seus modos de ver o mundo e suas maneiras particulares de existir.

Assim, esta obra não é uma mera compilação de textos. Ela é um mosaico de vidas, experiências e identidades em construção.

Que estas páginas possam inspirar futuros profissionais a compreenderem que currículo nenhum substitui autenticidade, que competência técnica precisa caminhar ao lado da sensibilidade e que a comunicação mais poderosa nasce quando alguém fala a partir da verdade de sua própria história.

Este é o meu desejo como docente e pesquisadora.

À leitura!

Professora Doutora Maria Sílvia Rodrigues-Alves

Docente da Fatec Franca

Sobre a organizadora



Maria Sílvia Pereira Rodrigues Alves Barbosa é professora universitária, pesquisadora e contadora de histórias, com atuação voltada aos estudos da linguagem, comunicação, narrativa e artes. Possui mestrado, doutorado e pós-doutorado em Linguística, desenvolvendo pesquisas relacionadas à retórica, *storytelling*, oralidade, voz narrativa e produção de sentidos.

Atualmente, é docente da Faculdade de Tecnologia de Franca, onde atua nas disciplinas de Espanhol e de Comunicação empresarial. Também atua na Universidade de Franca, no Programa de Pós-graduação em Linguística, com projetos de pesquisa que versam sobre retórica e narrativa. Integra ainda o curso de pós-graduação Vida e Arte com Sentido, uma parceria da Oficina Viva e da Uni-Italo, espaço interdisciplinar que articula arte, existência, narrativa e sentido de vida, inspirado em perspectivas humanistas e filosóficas. Nesses contextos, desenvolve pesquisas e reflexões sobre narrativa, arte, voz, experiência estética e humanização.

Sua trajetória acadêmica e artística é marcada pelo encontro entre ciência e sensibilidade, articulando estudos da linguagem com experiências cênicas, práticas de narração oral e formação humana. Atua há mais de duas décadas no ensino superior, dedicando-se especialmente às áreas de

comunicação, narrativas, linguagem, cultura e desenvolvimento humano.

Como contadora de histórias, investiga a potência da voz do narrador, compreendendo a oralidade como espaço de memória, presença, emoção e construção de vínculos. Em suas pesquisas e práticas pedagógicas, busca aproximar os estudantes de uma formação mais humana, sensível e reflexiva, valorizando as histórias de vida, o protagonismo e a comunicação como ferramentas de transformação pessoal e profissional.

Nesta obra, reúne as narrativas produzidas pelos alunos do curso de Gestão de Recursos Humanos da Faculdade de Tecnologia de Franca, resultado de uma experiência acadêmica marcada pelo acolhimento, pela escuta e pelo reconhecimento da potência das trajetórias humanas.

Sumário

MINHA VIDA EM HISTÓRIA.....	13
MINHA HISTÓRIA	15
UM CAMINHO DE VALORES.....	17
DO MEDO À CORAGEM.....	23
MADE BY CASTRO & SOUZA: minha história.....	25
MEU STORYTELLING.....	27
EM BUSCA DE UM PROPÓSITO: a jornada de descoberta e transição para a vida adulta	29
ENTRE FIOS E FÉ: a trama de uma vida tecida em amor e propósito.....	31
MINHA JORNADA	35
MINHA GRANDE JORNADA.....	38
A FORÇA DA MATERNIDADE E A CHAMA DO CONHECIMENTO.....	41
COSTURANDO A VIDA, PONTO POR PONTO.....	44
HISTÓRIA DA MINHA VIDA	47
MINHA MÃE, MEU COMEÇO.....	49
QUEM EU SOU?	52
QUINTAL DE CASA: raízes e recomeços	54
UMA JORNADA DE VIDA E AMOR	57
FABÍOLA: contando a minha história.....	61
RÉQUIEM A GUSTAVO	63
MINHA JORNADA ATÉ O CURSO DE GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS	66
A ARQUITETURA DA RESILIÊNCIA: a jornada de uma busca por sentido até o RH.....	69
HISTÓRIA DE VIDA: minha trajetória até a Fatec Franca	71
MEU STORYTELLING.....	75
UMA HISTÓRIA DE FÉ E SUPERAÇÃO.....	78
UM GAROTO SONHADOR	81
COM FÉ E CORAGEM	84
HISTÓRIA DE VIDA: Storytelling pessoal.....	87
O VALOR DE SER QUEM EU SOU	90

CAMINHOS QUE ME MOLDARAM: da infância à Fatec Franca, uma trajetória guiada por pessoas, desafios e evolução	93
ENTRE ARTE E RITMO DE VIDA	97
DE SONHOS À CONQUISTAS: o caminho até o RH.....	98
TRANSFORMANDO EXPERIÊNCIA EM FUTURO: minha chegada à Fatec Franca.....	100
ENTRE PESSOAS E PROPÓSITOS.....	103
CONSTRUINDO CAMINHOS: a história que me levou à Gestão de Pessoas	106
ROTINA, PERDAS E SONHOS: a busca de paz na natureza.....	109
DE VOLTA AOS ESTUDOS, DE VOLTA A MIM	111
VENCENDO O MEDO	113
MEU STORYTELLING: minha trajetória até ingressar no curso de RH	116
RETALHOS DE MIM MESMO	119
MINHA JORNADA ATÉ A FACULDADE	121
STORYTELLING: minha trajetória até o curso de Recursos Humanos	124
MEU STORYTELLING.....	127
STORYTELLING DA SUZANA	129
MINHA TRAJETÓRIA: até a Fatec	131
AMOR E FÉ	135
EM CADA PASSO, UMA HISTÓRIA INCRÍVEL.....	138
MEU STORYTELLING.....	142
CONSTRUINDO MINHA CARREIRA COM PESSOAS: a história por trás da escolha pelo curso de Recursos Humanos.....	144

MINHA VIDA EM HISTÓRIA

Adrielly Vitória de Jesus Carvalho



Estudante de GRH, com experiência em DP e rotinas administrativas. Atuei como estagiária de RH e como Auxiliar de DP, com foco em admissões, documentação e processos internos.

Meu nome é Adrielly. Tenho 18 anos e curso Gestão de Recursos Humanos.

Essas são as informações básicas, aquelas que cabem em formulários, cadastros e apresentações rápidas. Mas, se eu realmente for me apresentar, preciso ir um pouco além.

Moro com meus pais e trabalho no Departamento Pessoal de uma empresa onde a minha equipe é quase uma segunda família: somos unidos, parceiros e sempre encontramos um jeito de transformar a correria em risadas. Sou filha única, um detalhe que moldou muito mais de mim do que parece à primeira vista.

Crescer sem irmãos me ensinou a ser independente muito cedo. Aprendi a brincar sozinha, a resolver minhas próprias questões e a confiar na minha capacidade de me virar. Hoje, colho o lado bom disso: consigo fazer tudo sozinha, gosto da minha própria companhia e valorizo minha solidão.

Mas, como quase tudo na vida, isso tem um outro lado. A dificuldade de pedir ajuda e de se deixar ser ajudada ressoa em mim desde que me conheço por gente. É como se, depois de tantos anos sendo “funcional”, eu tivesse medo entregar o controle para o outro.

Além disso, eu amo filmes de romance, mas não qualquer romance: precisam ser clichês, previsíveis, quase confortáveis demais. Eu sei que muita gente torce o nariz para isso, mas para mim faz sentido. A vida real já é cheia de caos, imprevistos e incertezas. Nos meus filmes favoritos, eu posso controlar o que sinto, posso prever o final, posso descansar na segurança do “já sei o que vai acontecer”.

E por falar em imprevisibilidade, eu nunca lidei bem com ela. Quando criança, até uma brincadeira que saísse do meu controle já me deixava desconfortável. Hoje, ironicamente, trabalho justamente com aquilo que aparece do nada: problemas inesperados, demandas urgentes, rotinas que se quebram o tempo todo. Talvez seja por isso que desenvolvi algo que considero uma das minhas características mais fortes: resistência.

Eu persisto. Persisto em tarefas, em processos, em pessoas. Mesmo quando não gosto da ideia no início, continuo e, no caminho, descubro habilidades, sentimentos e versões de mim que eu jamais encontraria se tivesse desistido cedo demais.

No fim das contas, se eu tivesse que escolher uma palavra para me definir, seria essa: resistente.

Uma independência que às vezes pesa, uma sensibilidade que às vezes esconde, uma força que às vezes esqueço que tenho. Mas, acima de tudo, uma vontade constante de crescer, mesmo que a vida não siga o roteiro dos meus romances favoritos.

MINHA HISTÓRIA

Alysson dos Santos Ramos



Sou Alysson, tenho 21 anos e atualmente estou cursando Gestão de Recursos Humanos na Fatec Franca. Apesar dos desafios, é uma grande honra fazer parte desta obra e ser estudante desta faculdade.

Um peso, eu sou um peso na minha família desde o dia do meu nascimento, eu nasci no dia 01/05/2004, sou o terceiro, de pais que já perderam o primeiro filho.

Tive uma infância um pouco conturbada, eu era um dos poucos alunos negros da minha sala durante o ensino fundamental enquanto estudava no Lucia Gissi Ceraso, durante o meu terceiro ao quinto ano do fundamental (dos meus 8 aos 10 anos de idade) com muitas dificuldades para entender uma simples matéria de arte ou até os cálculos mais simples, mesmo assim, sempre tentei dar orgulho aos meus pais, mesmo eu só os decepcionando com minhas notas vermelhas resultando na perda de muitas viagens nos finais daqueles anos por consequência de meus atos, ao longo desse período de tempo, eu fiz alguns cursos como a Percursão no projeto GURI, teatro no Arte e Vida localizado no Judas Iscariotes e além disso, eu fiz catequese.

Em 2015 (aos meus 11 anos de idade) eu entrei na Escola Dante Guedine Filho no 6º ano, e permaneci lá até finalizar o 9º ano em 2018(até os

meus 14 anos de idade), após isso no ano seguinte(2019) eu entrei na escola estadual Torquato Caleiro e realizei o ensino médio inteiro lá até a conclusão em 2021, neste mesmo ano acabei passando por situações familiares em complicadas com minha irmã sendo expulsa de casa, meus pais se separando, com a tentativa de suicídio da minha mãe, na época minha ex-namorada havia terminado comigo e na escola, eu entrava 7:00 para sair de lá as 20:00, tentando resolver uma questão de caso de abuso contra menores de idade.

De 2022 a 2024 foi eu tentando achar meu rumo, um objetivo, eu acabei ficando muito doente pegando uma dengue e um acidente de trabalho que quase me custou o movimento do corpo todo.

Por fim em 2025, enquanto eu ainda me recuperava do acidente, acabei tendo um apoio de me inscrever numa ong onde estava sendo pago a taxa do vestibular da Fatec e acabei fazendo, sem esperar que eu realmente entraria no curso.

UM CAMINHO DE VALORES

Ana Beatriz Pimenta



Francana, aluna do curso de Gestão de Recursos Humanos da Fatec Franca.

Antes de tudo, quero começar agradecendo à minha família, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos. Foram eles que me ensinaram o valor do amor, da fé e da persistência. Sem esse apoio, eu não teria chegado até aqui para contar um pouco da minha história.

Nasci em Cássia, no ano de 2003, e cresci em Capetinga, uma cidade pequena, mas cheia de boas lembranças. Minha infância foi simples, feliz e marcada por aprendizados que me moldaram como pessoa.

Com o passar dos anos, as dificuldades começaram a surgir – mas, junto delas, nasceu também uma força dentro de mim. Desde cedo eu entendi que o estudo seria o caminho certo para transformar sonhos em realidade. Sempre tive o desejo de mostrar aos meus pais que o conhecimento é a chave que abre portas e constrói oportunidades.

Durante o ensino médio, vivi momentos de incerteza sobre o que queria seguir, mas também descobri o poder das escolhas. Foi em 2024 que encontrei meu verdadeiro propósito: decidi me preparar para o vestibular da Fatec e, com muito esforço e dedicação, conquistei a aprovação no curso de Recursos Humanos. A sensação de ver um sonho se tornando realidade foi indescritível.

Ao longo desse caminho, percebi que minha maior paixão é ajudar as

pessoas – ouvir, compreender e agir com empatia. Descobri que é possível transformar o mundo ao nosso redor com pequenos gestos, desde que feitos com o coração.

Hoje sigo firme, com garra, honestidade e muita vontade de vencer. Sei que cada desafio que enfrento me aproxima ainda mais da pessoa que quero ser. Minha história é feita de valores, coragem e sonhos – e é com eles que pretendo continuar trilhando meu caminho, passo a passo, com fé e determinação.

A MENINA DA SAÚDE QUE SE APAIXONOU PELO HUMANO

Ana Clara de Oliveira



Sou estudante de Gestão de Recursos Humanos na FATEC Franca, onde ingressei após uma trajetória marcada por determinação, superação e descoberta profissional.

Nasci e cresci em Franca, sempre muito próxima da minha mãe, que trabalhava em casa com uma banca de pesponto. Minha infância foi marcada pelo carinho dela e também por muita agitação: eu era uma criança espoleta, daquelas que não paravam um minuto. Até os cinco anos, já tinha aberto o queixo seis vezes e uma delas foi tão séria que estourou todos os pontos depois de uma queda, fazendo meus pais correrem comigo ao hospital. Talvez por isso, ou talvez por algo ainda mais profundo, a área da saúde sempre chamou a minha atenção.

Apesar de aparentar alegria, eu carregava desde cedo um lado sensível, ansioso e chorão. Em 2018, depois de muitas batalhas internas, recebi o diagnóstico de depressão em estágio avançado. Foi um dos momentos mais difíceis da minha vida. Passei anos fazendo terapia, tentando me reconstruir e entender tudo o que eu sentia. Era um processo doloroso, mas necessário.

Em 2019, decidi que precisava ocupar a mente, encontrar algo que me tirasse do vazio em que eu estava. Foi assim que fiz meu primeiro curso: atendente de farmácia. Gostei muito da experiência, era um mundo que

conversava com meu sonho antigo de trabalhar na saúde.

Quando o curso terminou, ouvi falar sobre o Novotec, que oferecia cursos gratuitos. Pela minha idade, apenas um curso me chamou a atenção: Rotinas de Recursos Humanos. Entrei sem grandes expectativas, apenas querendo ocupar o tempo. Mas ali conheci um professor que mudaria minha trajetória: Deodato Borges.

Um dia, ele olhou para mim e disse:

“Você tem muito potencial para a área de RH.”

Eu ri. Disse que aquilo era só um passatempo, nada sério. Mas, conforme o curso avançava, eu percebia uma afinidade crescendo. Ainda assim, eu insistia: era só para ocupar a cabeça.

Quando o curso acabou, entrei em outro pelo Novotec, desta vez Balconista de Farmácia afinal, meu coração estava na área da saúde. E lá estava ele de novo: Deodato Borges, repetindo:

“Você gosta da área da saúde, mas você se encaixa melhor no RH.”

E eu retruquei:

“Tá doido? Meu coração é da área da saúde!”

Concluí o curso e consegui meu primeiro emprego como jovem aprendiz administrativo. E, adivinha? As áreas em que eu mais trabalhava: financeiro e RH.

No trabalho, minha gestora, Eveline Cintra, que também era responsável pelo RH, puxou uma conversa que nunca esqueci:

“Ana, você tem muito potencial. Qual área você pretende cursar na faculdade?”

Sem hesitar, respondi: área da saúde.

Mas, conforme os dias passavam, aquele sentimento que tinha despertado lá atrás voltou a brilhar. O RH começou a fazer sentido. Eu me via ali. Até que um dia, olhei para Eveline e disse:

“O RH ganhou meu coração.”

A partir disso, comecei a pesquisar faculdades. Foi quando descobri a FATEC Franca. Fiz minha inscrição, mas não tinha dinheiro para pagar. Minha mãe, como sempre, esteve comigo ela pagou.

No dia do vestibular, um frio na barriga tomou conta de mim. Eu fui de Uber e o motorista percebeu meu nervosismo. Ele colocou a música católica “Eu Navegarei” e, ao final, rezou um Pai-Nosso comigo. Naquele instante, me senti acolhida, como se Deus estivesse dizendo que eu não estava sozinha.

Entre na sala de prova tremendo. Quando recebi o caderno, me senti fraca, insegura. Rezei de novo: “Seja o que o Senhor quiser.”

Meu namorado também me mandava mensagens tentando me acalmar, mas a verdade é que havia algo dentro de mim que doía: muitas vezes, em casa, ouvi frases como:

“Você não estudou na Industrial, não vai virar nada.”

“Essa escola de bairro não ensina nada.”

“Você nem estuda, não vai ser nada na vida.”

Durante a prova, essas frases vinham como flechas. E eu, em silêncio, pedia a Deus força e auxílio para provar que nada daquilo definiria meu futuro.

O vestibular foi no dia 12 de janeiro. A ansiedade para o resultado era enorme. Saiu a primeira chamada: eu não passei. Saiu a segunda: também não.

Nesse meio tempo, cai de uma escada em um prédio comercial, quebrei o joelho e precisei de cirurgia. E na noite anterior à operação, por acaso, abri meu e-mail era quase 23h.

Lá estava uma mensagem da FATEC:

eu tinha até 23h59 para fazer a matrícula.

Foi um desespero, uma correria, mas consegui cumprir o prazo. Eu estava dentro.

Como eu estava em cadeira de rodas e o prédio não tinha acessibilidade, fiz todo o 1º semestre online. E hoje, olhando para trás, vejo como cada

conselho de Deodato Borges e cada palavra de incentivo da Eveline Cintra foram fundamentais para eu chegar aonde estou.

Eles enxergaram em mim um potencial que eu mesma demorava a ver.

E foi assim que o RH, quase por acaso, se tornou o lugar onde meu coração finalmente encontrou sentido.

DO MEDO À CORAGEM

Ana Júlia de Oliveira



Estudante de Gestão de Recursos Humanos, 19 anos, interessada em desenvolvimento humano. Apaixonada por aprendizado contínuo e pela construção de relações empáticas. Atua em projeto social familiar e busca crescimento pessoal e profissional.

Por fora, minha infância parecia tranquila, mas dentro de casa havia medo e violência. Meu pai, usuário de drogas e agressivo, tornou nosso lar um lugar de tensão. Aos cinco anos, presenciei um ataque dele contra minha mãe, que por pouco sobreviveu. Mesmo após a separação, as ameaças e o abandono continuaram.

Minha mãe, com muita coragem, lutou para sustentar a família. Cresci calada, sofrendo bullying e carregando um segredo doloroso que preferi esconder para protegê-la.

Com o tempo, encontrei apoio em um homem que agiu como um verdadeiro pai – meu padrasto — dando suporte e ensinando o valor da força própria. Enfrentei inseguranças e fracassos, mas não desisti. Passei no vestibular da FATEC em 9º lugar e hoje curso GRH, ajudando no projeto social da minha mãe.

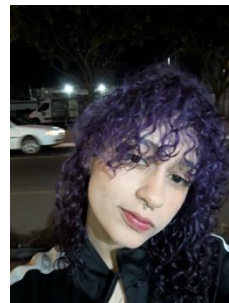
O mesmo pai que nos abandonou hoje depende de nós. Eu, porém,

segui em frente, construída pela força da minha mãe, pelo amor daqueles que ficaram e pela coragem que desenvolvi. Não sou o que me fizeram; sou o que escolhi ser. Cada cicatriz é a lembrança da minha força e o passado nunca definirá meu destino.

Minha história prova que o passado não determina quem eu sou. Apesar da violência, do medo e das dificuldades, escolhi seguir em frente com coragem. Transformei dor em força, encontrei apoio, cresci e conquistei meu espaço. Hoje, sigo construindo meu futuro com determinação, sabendo que cada desafio superado me tornou mais forte e preparada para o que vem pela frente.

MADE BY CASTRO & SOUZA: minha história

Ana Livia de Castro Souza



18 Anos. Nascida, criada e permanecida em Franca-SP, trabalho como auxiliar de escritório na Casa do Agricultor de Franca, curso Gestão de Recursos Humanos na Fatec Franca.

Recordo da minha infância como simples. Morei na zona rural até meus 11 anos de idade, meus pais sempre me entenderam como solitária por não conviver com muitas crianças fora da escola, mas a pouca companhia me fez uma pessoa leal a quem conheço, eternamente cativada pelos amigos que passam ou passaram pela minha vida.

Me entendo como ansiosa desde sempre, desde que me entendo por gente tive pressa de existir. Lembro quando fiz 4 anos e me disseram que eu poderia finalmente entrar na escolinha, fiquei super ansiosa para conhecer pessoas, aprender a escrever e ver tudo que ouvi desde sempre sobre estudar. Foi uma tristeza enorme ver meus pais chegarem e dizerem que pela minha baixa estatura (que se permaneceu até os dias de hoje) e meu aniversário em dezembro era aconselhável aguardar mais um ano para entrar no mundo letivo.

E mesmo após essa urgência de conhecer a escola, não me adaptei totalmente ao ciclo estudantil. Nunca fui uma aluna ruim, pelo contrário, os professores sempre me elogiavam, minhas notas eram boas e eu me comunicava bem até demais (aquela famosa frase “É um bom aluno, mas

conversa mais que a boca”). O meu maior problema sempre foi (e particularmente continua sendo) a frequência, por ser uma aluna que não necessitava de reforço ou de muita atenção nunca entendi por que comparecer importava tanto. Várias vezes no ensino médio fui chamada atenção pelas minhas faltas, mas somente elas, então na minha percepção tive o ensino médio completo com excelência.

Ainda falando de ensino, sempre admirei o trabalho do professor, cresci dos 13 até os 17 encantada com a licenciatura em inglês, até assinar minha carteira de trabalho na Adcon Construtora e terraplenagem como auxiliar administrativo em jovem aprendiz pela ESAC, e apesar de conviver com diversas profissões, o Recursos Humanos se tornou uma possibilidade para mim, onde a intermediação entre colaborador e organização soava como algo que eu gostaria de ter como especialização.

Hoje, no segundo semestre do curso de Gestão de Recursos Humanos, me sinto estudando o que imaginei, com uma boa equipe, aprendendo cada dia mais sobre o que é ser um bom líder, um bom comunicador, mas também um bom cidadão, amigo e acima de tudo um bom estudante. O ensino me tornou com mais vontade de aprender diversas áreas profissionalizantes, penso em crescer muito mais no meu currículo, em estudar coisas que imaginei desnecessárias ou fora do meu cotidiano, em ter conhecimento não só por dinheiro, mas como a sabedoria, o estudo e o diploma nos torna cada vez mais existente no mundo.

Gosto de pensar que todas as decisões da minha vida que nem sempre me agradaram de primeira me tornaram quem sou, e que as dificuldades da vida de antes ou de agora, me transformam em alguém que vive, em alguém que existe como sempre quis existir.

MEU STORYTELLING

Ana Livia Martins Galvani Cintra



Meu nome é Ana Livia, tenho 20 anos e atualmente estou cursando Gestão de Recursos Humanos na Fatec Franca.

Em meus primeiros anos de vida descobri um mundo que, aos poucos, começava a despertar meus sonhos, aos 4 anos iniciei no hipismo. Era fascinante sentir a grandiosidade daqueles animais, a disciplina do esporte e a paz que só quem monta entende. Por muitos anos foi isso que me guiou uma paixão silenciosa, porém intensa.

Dos meus 4 aos 14 anos, o hipismo foi quase um espelho do meu próprio crescimento. Aprendi sobre coragem, equilíbrio e persistência, mesmo quando a vida parecia pesada demais para uma criança tão jovem. Porém, ao completar 14 anos, precisei desistir desse mundo que tanto me formou. Foi como deixar para trás uma parte de mim, mas, ainda assim, segui em frente. Nessa época conheci, também, a minha paixão pela música, quando aprendi a tocar guitarra e ficar apaixonada ainda mais pelo mundo do rock, que, cresci nesse mundo por conta da minha mãe.

Aos meus 17 anos, em 2022, finalizei o ensino médio, era um momento confuso, cheio de inseguranças, mas também de vontade. Entrei no cursinho (Novo Colégio) com um objetivo claro, tentar passar em História na Unesp para, no futuro, estudar Paleontologia, o sonho que sempre me acompanhou

desde pequena. Olhar para fósseis, eras, criaturas antigas... era como enxergar um universo que me pertencia de alguma forma.

O caminho, porém, nunca foi linear. Em 2024, já com 19 anos, algo dentro de mim pediu para voltar para onde tudo começou. Voltei para a hípica. Foi como reencontrar uma versão minha que eu tinha deixado adormecida. A sensação de colocar os pés na areia da pista novamente me fez perceber que nada do que amamos verdadeiramente se perde. Ao mesmo tempo, comecei a trabalhar no Sindicato dos Empregados do Comércio, meu primeiro contato com a vida adulta de fato, responsabilidades, horários, rotina. Ali aprendi sobre pessoas, sobre profissionalismo e sobre mim mesma.

Em 2025, dei mais um passo importante: entrei na faculdade de Gestão de Recursos Humanos. Talvez não fosse o caminho que imaginei quando era mais nova, mas era o que, naquele momento, poderia me levar a novas possibilidades, novas portas, novos destinos. E, de certa forma, tudo aquilo que vivi, o hipismo, o sonho da paleontologia, os tropeços e retorno, contribuíram para eu chegar lá com maturidade e propósito. Porém ainda com o sonho de seguir na área da paleontologia.

Hoje sigo trilhando meu caminho, consciente de que cada escolha, cada pausa e até cada desistência me formou. Carrego comigo o peso e a leveza do que vivi, e sigo em frente com a certeza de que ainda há muito para conquistar. Afinal, minha história não é feita de linha reta, mas de curvas e são justamente elas que tornam tudo mais verdadeiro.

EM BUSCA DE UM PROPÓSITO: a jornada de descoberta e transição para a vida adulta

Ana Paula Rodrigues Mouro



Cursando GRH Fatec; Profissão: Marketing Digital.

Minha história é uma jornada de descoberta, uma busca por um caminho que ainda se revela. Na infância, eu não era indecisa; sonhava em ser advogada, mas com o tempo, percebi que a advocacia não era a vocação certa para mim naquele momento, em grande parte devido à minha timidez que dificultava a expressão clara das minhas ideias e a comunicação coesa.

Sempre fui mais reservada, preferindo a minha própria companhia e mantendo uma distância das interações sociais mais intensas. Aos dezesseis anos, iniciei minha vida profissional, e é onde me encontro até hoje, atuando com marketing digital. No entanto, essa área, com toda a certeza, não é algo que desejo para o meu futuro. Agora, com a conclusão do ensino médio, as questões sobre minha identidade profissional se tornaram ainda mais urgentes, e sigo em constante busca por respostas.

Uma amiga, com o desejo de ingressar na Fatec, me convenceu a prestar o vestibular. Nenhuma de nós havia se preparado de forma dedicada, então a aprovação era uma incógnita. Meu objetivo inicial era apenas acompanhá-la, mas acabamos escolhendo caminhos diferentes: ela optou por uma área mais ligada à informática, algo que eu sabia que não me encaixaria,

e ainda por cima, nossos horários de aula eram distintos, com ela estudando pela manhã e eu à noite.

Quando descobrimos que ambas fomos aprovadas, a alegria foi imensa, um misto de alívio e empolgação. No entanto, essa felicidade logo se transformou em um desafio. A pressão para acompanhar o ritmo das aulas e a adaptação a um novo ambiente me deixaram ansiosa. O que parecia ser uma nova oportunidade tornou-se, por vezes, uma fonte de estresse, especialmente ao me ver cercada por colegas tão confiantes e articulados, enquanto eu lutava para expressar minhas próprias ideias em sala de aula.

E então veio o momento decisivo: durante uma apresentação em grupo, fui surpreendida por uma pergunta inesperada. O coração disparou, e a timidez me dominou completamente. Hesitei, sentindo todos os olhares sobre mim, e por um instante, a vontade de fugir foi quase irresistível. Mas, em vez disso, respirei fundo e tentei formular uma resposta. Para minha surpresa, as palavras começaram a fluir, mesmo que de forma hesitante. A sensação de conseguir superar aquele momento de vulnerabilidade foi libertadora. Saí da sala com um misto de alívio e uma nova percepção de mim mesma: talvez eu pudesse me adaptar e crescer.

Contudo, a rotina exigente e a pressão constante começaram a pesar. Minha amiga, percebendo que a área de informática não era para ela, decidiu desistir do curso. A escolha dela me deixou em um dilema: deveria eu continuar em um caminho que não me inspirava, ou seria hora de buscar algo novo?

Decidi permanecer, mantendo a convicção de que o aprendizado é sempre valioso. Embora o futuro profissional ainda seja incerto, acredito firmemente que a formação que estou adquirindo agora servirá como um alicerce sólido para qualquer decisão que eu tomar. Cada dia é uma nova oportunidade de me descobrir, e, mesmo com as incertezas, sigo em frente, determinada a encontrar meu verdadeiro propósito.

ENTRE FIOS E FÉ: a trama de uma vida tecida em amor e propósito

Ana Paula Soares Silva



Sou estudante de Gestão de Recursos Humanos da Fatec Franca, trabalho na Santa Casa de Misericórdia de Franca, há 11 anos, como analista administrativo.

Nasci em Franca, interior de São Paulo, e cresci no Jardim Aeroporto, um bairro cheio de memórias e afetos, onde vivo até hoje. Sou filha única e, talvez por isso, tenha vivido intensamente cada laço familiar que me cercou. Minha mãe, mulher forte e batalhadora, sempre trabalhou muito para garantir o nosso sustento. Como ela passava boa parte do tempo fora, fui criada na “barra da saia” da minha avó, uma mulher sábia, amorosa, presente e de presença marcante, que me ensinou o valor do cuidado, da fé e da simplicidade.

Tive também o privilégio de crescer sob o olhar carinhoso do meu avô, que sempre cuidou de mim com ternura e proteção, sendo um exemplo de paciência e afeto. E meu pai, mesmo que distante fisicamente em alguns momentos, sempre me ofereceu muito amor, apoio e carinho. E isso teve um significado enorme na minha formação como pessoa.

Minha infância foi feliz e cheia de vida. Brincadeiras na rua, amigos, tardes de sol e gargalhadas sinceras marcaram essa fase. Tive tudo o que uma criança realmente precisa: liberdade, carinho, orientação e muito, muito amor.

Na adolescência, as risadas e a alegria continuaram. Eu tinha uma turma animada, daquelas que passavam horas conversando e se divertindo com as pequenas coisas. Tenho muitas histórias dessa época e, embora a vida tenha nos levado por caminhos diferentes, guardo todas com carinho. De lá, ficaram duas grandes amigas, Grasi e Alê, companheiras de vida até hoje. No fim dessa fase, conheci Júlio, em um primeiro momento, apenas um amigo, mas com ele construí uma linda história de amor e parceria. Estamos juntos até hoje, lado a lado, compartilhando sonhos e desafios.

Sou mãe do Daniel e da Marina, dois adolescentes incríveis que são o meu maior orgulho e, também, tutora de três pets caninos que completam nossa família: Sandy, Zeca e Pretinha. Nossa família é rica em afeto e cumplicidade e, por isso, gosto de estar entre amigos e familiares, trocando boas conversas e risadas. São esses momentos que me recarregam e me fazem sentir plena, embora também valorize os momentos de intimidade e aconchego em nosso lar.

Sou católica e acredito profundamente na importância da fé, pois ter momentos de conexão espiritual é essencial para mim e é o que me fortalece e me orienta em cada etapa da vida.

Minha trajetória profissional começou ainda na adolescência, quando trabalhei como babá. Essa foi minha primeira experiência com responsabilidades reais: aprender a cuidar, a planejar atividades e a lidar com diferentes situações exigiu paciência, organização e sensibilidade. Mais tarde, atuei no atendimento em uma clínica veterinária, onde desenvolvi habilidades de relacionamento com clientes, organização de rotinas e empatia, mesmo em situações de pressão. Nesse mesmo período, fiz estágio em um escritório de contabilidade, uma experiência que me trouxe disciplina, noções de rotinas financeiras e organização documental. Todos esses conhecimentos foram fundamentais no meu caminho profissional. Por volta de 2007, passei a atuar na área administrativa de creches, especificamente na organização de

documentos e relatórios para prestações de contas. Foi um período essencial para o desenvolvimento da minha comunicação interpessoal e das minhas habilidades organizacionais. Lidar diariamente com crianças, famílias, equipes de educadores, diretoria e colaboradores me ensinou a importância da clareza, da paciência e da empatia, além de reforçar meu gosto por processos bem estruturados e ambientes organizados. Essa etapa da minha vida profissional se encerrou em meados de 2013.

Em 2014, fui contratada pela Santa Casa de Franca, no setor de Laboratório de Análises Clínicas, inicialmente na função de atendimento ao público. Com a carga horária de meio período, pude conciliar a dedicação à família com a construção da minha carreira profissional.

O grande marco da minha trajetória foi a pandemia. Nesse período, passei a trabalhar em horário integral e enfrentei os inúmeros desafios que aquele momento histórico impôs: uma demanda de trabalho exaustiva, prazos cada vez mais curtos e a insegurança diante de uma doença desconhecida. O medo de levar um vírus letal para os filhos em casa me apavorava e, por isso, ficamos meses sem nos tocarmos, mantendo uma distância segura. Foi devastador, pois valorizamos muito a troca de carinho. Trabalhar no laboratório exigiu resiliência, capacidade de adaptação e principalmente controle emocional. Aprendi a lidar com a pressão, a manter a calma e a organização, além de oferecer suporte à equipe. Essa experiência fortaleceu minhas competências profissionais e também representou um crescimento pessoal profundo em que a rotina técnica me pedia exigências que transpassavam a alma humana e que a falta de um abraço teve que substituir a necessidade segura de uma distância imposta por algo invisível. Eu aprendi a dar valor em cada toque, em cada olhar e em cada momento de proximidade. Tive que crescer, mesmo sem apoio e sem saber por onde começar, pois toda a humanidade sofria do mesmo mal, mas eu me via mais próxima do perigo iminente. Venci.

Atualmente, atuo como analista administrativa no Laboratório da Santa Casa. Com essa promoção, assumi responsabilidades mais complexas, como a organização de fluxos de trabalho e o acompanhamento de indicadores, garantindo que a rotina do setor seja eficiente. Essa função reforça minha capacidade de priorizar tarefas, manter a atenção aos detalhes e apoiar as equipes em suas demandas.

Mais recentemente, escolhi trilhar um novo caminho e me especializar em Gestão de Recursos Humanos na Fatec Franca. Essa decisão nasceu do meu desejo de assumir cargos de liderança e de aprimorar minhas habilidades interpessoais. Acredito que este curso vai me ajudar a crescer tanto pessoal quanto profissionalmente, desenvolvendo a capacidade de conduzir e gerenciar equipes, além de fortalecer os relacionamentos corporativos. Tenho também grande interesse em treinamentos e programas de educação continuada, pois

vejo neles uma oportunidade de inspirar e desenvolver pessoas, algo que me motiva profundamente.

Além do trabalho e da família, tenho um hobby que me traz muita paz e prazer: amo fazer crochê. É uma atividade que me permite desacelerar, expressar minha criatividade e transformar simples fios em algo bonito e significativo. O crochê, para mim, é uma forma de cuidado e de conexão, um momento de tranquilidade em meio à correria do dia-a-dia.

Acredito que a vida é feita de ciclos e de aprendizados. Cada etapa da minha jornada, da minha infância leve à maturidade consciente, moldou quem eu sou hoje: uma mulher determinada, de fé, sensível, com vontade de crescer e contribuir para o bem de todos ao meu redor.

MINHA JORNADA

Andressa de Andrade Maia



Estudante de Gestão de Recursos Humanos na Fatec Franca. Atuei como aprendiz auxiliar administrativa na Santa Casa de Franca. Interessada em desenvolvimento pessoal e na área de Recursos Humanos.

Nasci em Franca, no hospital Santa Casa, no dia 1º de abril de 2006. Desde pequena, a vida me ensinou a encontrar alegria nas coisas simples. Minha infância foi cheia de momentos leves e felizes: gostava de brincar na rua com os vizinhos, passear na pracinha com meus pais e amigas, assistir filmes e desenhos animados. Também adorava desenhar, entre traços e cores, já começava a construir minha própria forma de enxergar o mundo.

Na escola, sempre fui uma menina mais quieta, tímida e exemplar. Gostava de aprender, de observar, mas também sabia aproveitar os momentos bons com meus amigos. Fiz amizades que guardo com carinho até hoje. Eu amava registrar tudo com fotos e vídeos, como uma maneira de eternizar os instantes mais alegres e as aventuras que vivia.

Durante a adolescência, enfrentei alguns desafios. A ansiedade me acompanhou em certos períodos, e as mudanças típicas dessa fase me ensinaram muito sobre paciência e autoconhecimento. Aos 13 anos, veio a pandemia de coronavírus, um tempo difícil, de isolamento e incertezas. Ficar

longe das pessoas que eu amava foi doloroso, mas também foi um período de grande aprendizado. Percebi o quanto faz falta um abraço, uma conversa, um simples toque. Aprendi a valorizar a vida, as pessoas e cada momento que temos com quem amamos.

Quando completei 16 anos, comecei o ensino médio e também iniciei um curso no SENAI, onde aprendi a confeccionar calçados. Esse ano foi especial: conheci pessoas incríveis, vivi experiências marcantes e, pela primeira vez, tive uma experiência financeira. O curso tinha patrocínio de uma empresa, e com o dinheiro que recebi aprendi a importância de guardar e planejar, foi o começo da minha independência.

Com 18 anos, entrei como aprendiz na Santa Casa, no setor de prestação de contas. Ali comecei a dar meus primeiros passos no mundo profissional, aprendendo sobre responsabilidade, comprometimento e rotina de trabalho. Nesse mesmo período, tirei minha habilitação de carro e moto. Comecei a namorar e, ao lado do meu namorado, vivo momentos de amor, carinho e aventuras que me inspiram a ser cada vez melhor.

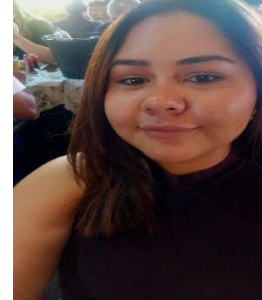
Logo depois, decidi ingressar na faculdade. Estudo Gestão de Recursos Humanos na Fatec de Franca — Dr. Thomaz Novelino. A decisão surgiu ainda no ensino médio, quando a faculdade fez uma apresentação na escola, fiquei curiosa e resolvi me inscrever, mesmo sem tanta confiança de que conseguiria passar. Quando o resultado saiu, fui aprovada! Fiquei imensamente feliz e senti que aquele seria um novo começo, meus pais me apoiaram muito e, ao iniciar as aulas, percebi que um novo ciclo se abria diante de mim, cheio de aprendizados, desafios e conquistas.

Hoje, com 19 anos, olho para minha trajetória com orgulho. Aprendi que, apesar das dificuldades, sigo forte, enfrentando tudo com fé e esperança. Sou uma pessoa persistente, esforçada e responsável. Tenho um coração calmo e acredito que tudo acontece no tempo e na vontade de Deus. A fé sempre foi minha base, é ela que guia minhas decisões e me dá coragem para continuar.

Para o futuro, sonho em conquistar minha casa ou apartamento, casar e construir uma família linda. Quero fazer muitas viagens, conhecer o mundo e viver novas experiências. No lado profissional, desejo ser efetivada na área administrativa em que atuo na Santa Casa ou trabalhar com recursos humanos, colocando em prática tudo o que aprendo na faculdade. Sigo acreditando que a vida é feita de etapas, e que cada uma delas, com seus altos e baixos, me aproxima do que sou e do que ainda quero ser.

MINHA GRANDE JORNADA

Beatriz Morelli Ferreira



Cursando gestão de recursos humanos, apaixonada por pessoas, cultura organizacional e aprendizado.

Meu nome é Beatriz, tenho 23 anos e nasci em Franca, interior de São Paulo, onde vivo até hoje. Desde muito nova sempre fui uma pessoa sonhadora, mas também cercada por medos e incertezas sobre o futuro, sempre sendo a mais quieta. Filha do meio de três filhos, sempre fui considerada a filha “esquecida”, minha infância no geral foi tranquila, sempre busquei não dar trabalho para meus pais.

Já na minha adolescência no último ano da escola, em 2019, vivi um dos períodos mais desafiadores da minha vida, pois era um momento de decisões importantes: escolher qual faculdade fazer, pensar em trabalho, estudar para as provas, tirar a tão sonhada CNH... Ao mesmo tempo, lidar com a insegurança de não saber se eu era realmente capaz de conquistar tudo isso.

Logo em seguida, o mundo parou com a pandemia. Aquele tempo de isolamento me trouxe ainda mais dúvidas e inseguranças; me via sem trabalhar, sem estudar e sem motivação, a ansiedade e o medo tomando conta de mim, e eu me sentia completamente travada, sem direção. Foram dias difíceis, em que eu duvidava cada vez mais da minha própria capacidade

Um ano e meio depois desse ocorrido pude perceber que justamente

esse período me pus a refletir sobre o que realmente queria para mim e sobre a importância de acreditar no meu potencial.

Com o passar do tempo, aprendi que caminhos novos dão medo, mas são neles que as coisas acontecem. Em 2023, as coisas começaram a mudar. Consegui meu primeiro emprego como jovem aprendiz, e essa conquista representou muito mais do que apenas uma oportunidade profissional foi o início da minha autoconfiança e do meu crescimento pessoal. Pouco tempo depois, realizei outro grande sonho: conquistei minha carteira de habilitação, algo que parecia inalcançável para aquela Beatriz insegura de alguns anos atrás. Cada passo que eu dava era uma vitória sobre mim mesma.

Aos 22 anos, dei outro passo importante: entrei na faculdade de Gestão de Recursos Humanos na FATEC Franca. O medo e as dúvidas reapareceram, mas dessa vez eu já sabia que era capaz. Entendi que coragem não é ausência de medo, e sim a decisão de seguir em frente apesar dele. A faculdade não foi apenas um novo desafio acadêmico, mas também uma nova fase da minha vida, cheia de aprendizados e oportunidades.

Atualmente, em 2025, olho para minha trajetória com muito orgulho. Trabalho como recepcionista em uma loja de carros, estou cursando o ensino superior e conquistei a minha moto, símbolo da minha independência e da liberdade que sempre sonhei. Cada uma dessas vitórias representa uma parte da minha superação pessoal, mostrando que, com persistência e fé, é possível transformar medo em motivação e dúvida em realização.

Minha história não é sobre sucesso imediato, mas sobre persistência. Sobre levantar a cabeça depois de duvidar de mim mesma. Sobre entender que os sonhos se realizam quando a gente acredita, trabalha e não desiste. Hoje sigo firme, com o coração leve, o olhar confiante e a certeza de que cada desafio que enfrentei me trouxe até aqui e que muitos outros sonhos ainda estão por vir. Hoje em dia carrego comigo uma frase; “Pode dar muito errado, mas também pode dar muito certo. Viver é isso, ter coragem de tentar, mesmo

sem garantias”.

A FORÇA DA MATERNIDADE E A CHAMA DO CONHECIMENTO

Bruna Mara Braga Borges



Esposa amorosa, mãe de duas filhas, cristã e assistente administrativa. Aos 40 anos. Vive com fé, propósito.

I. As Raízes e a Força Interior

Minha vida começou em um lar com prioridades muito claras, mas o estudo não estava no topo da lista. Para meu pai, bastava o diploma do Ensino Médio. E assim foi. Concluí o terceiro ano e mergulhei no mundo do trabalho, seguindo o curso que parecia traçado.

A rotina mudou de cor quando encontrei o meu amor. Logo, o trabalho deu lugar aos planos do futuro a dois: namoro, noivado e casamento. Nesse novo capítulo, a ideia de uma faculdade parecia distante, quase esquecida. Minha vida estava completa com meu marido ao meu lado – um companheiro que sempre me apoiou e torceu por mim – e eu não imaginava que o meu maior desafio – e a minha maior realização – estava por vir.

II. O Milagre e a Prova

Desde muito jovem, carregava no coração um desejo profundo e específico: ser mãe de gêmeas. Não era apenas um sonho qualquer – era uma oração constante, uma conversa íntima com Deus. Eu dizia: “Senhor, se for da Tua vontade, que eu tenha duas meninas, juntas, para que nunca se sintam

sozinhas.”

E Ele ouviu.

Quando recebi a notícia da gravidez gemelar, meu coração se encheu de gratidão. Era como se o céu tivesse respondido com carinho ao meu pedido.

Meu grande sonho de ser mãe foi realizado, mas de uma forma que testaria toda a minha força. Fui abençoada com gêmeas, que chegaram ao mundo de forma prematura e urgente. Elas nasceram com apenas seis meses de gestação, pesando menos de um quilo.

Mesmo diante da tempestade da prematuridade extrema, nunca deixei de crer que aquele sonho era divino. E hoje, ao olhar para minhas filhas, vejo não apenas duas vidas – vejo duas promessas cumpridas.

Aquele momento foi um desafio monumental. Por longos e exaustivos 81 dias – quase três meses –, o hospital se tornou o nosso lar. Eu e meu marido vivemos lado a lado com nossas filhas na UTI, enfrentando cada alarme e cada incerteza.

Mas onde havia temor, Deus agiu com o milagre completo. Aquela situação, que poderia ter sido trágica, se transformou em uma vitória absoluta. Minhas princesas estão hoje com 14 anos, cheias de vida, obedientes, amorosas e, o mais importante, sem nenhuma sequela da prematuridade.

III. O Novo Despertar: "Você é Inteligente"

Dediquei-me 100% à minha família. Renunciei a meus próprios caminhos para garantir o bem-estar de minhas filhas e de meu marido. A maternidade foi a minha maior faculdade, me ensinando sobre dedicação e amor incondicional.

E agora, a vida me trouxe um novo e poderoso chamado. O incentivo para buscar a faculdade não veio do nada; ele ecoa das pessoas que mais me amam. Minhas filhas e meu marido são hoje meus maiores incentivadores, sempre me lembrando do meu valor e da minha capacidade. Há uma lembrança viva que me impulsiona: a da minha querida mãe, que perdi de forma

muito dolorida – uma mãe que estava sempre ao meu lado, sua partida deixou um vazio imenso. Dizia sempre, com a certeza de quem ama profundamente: “Você é inteligente”. Nos momentos de dúvida, me lembrando do meu valor.

Minha jornada de estudos está apenas começando. O que antes foi negligenciado, agora é abraçado com a maturidade e a coragem de quem já enfrentou a prova mais difícil da vida. A mãe que lutou por 81 dias pela vida de suas filhas agora luta por si mesma – por seus sonhos, por sua realização – carregando o amor da sua família, que torce por cada conquista e a memória viva de uma mãe amorosa.

COSTURANDO A VIDA, PONTO POR PONTO

Camila Leticia de Paula



Graduanda em Gestão de Recursos Humanos pela Fatec Franca. Iniciou no setor calçadista aos 8 anos e, aos 15, conquistou independência trabalhando em banca de pesponto e como monitora de eventos. Hoje administra sua própria banca enquanto busca crescimento profissional e se inspira na força da mãe para continuar evoluindo.

Nasci em Franca, no interior de São Paulo, em uma família que nunca foi muito junta fisicamente, mas sempre teve um jeito diferente de se amar. Uma das lembranças mais marcantes da minha infância foi quando eu passei uns dias na casa da minha tia, onde meu irmão morava. Nós crescemos separados, então cada vez que nos encontrávamos era especial. Não precisava de nada grandioso, só estar ali, brincar, conversar, era o suficiente pra matar a saudade.

Minha mãe sempre foi a minha maior referência. Ela se separou do meu pai quando eu ainda era bem pequena e, desde então, sustentou a casa sozinha com dois filhos. Trabalhava em uma fábrica de calçados e, com muito esforço, conseguiu ser promovida a subchefe. Depois engravidou da minha irmã, casou de novo e teve coragem de montar a própria banca de pesponto em casa. Ela me ensinou tudo sem fazer discursos motivacionais. Ela mostrava

na prática, todos os dias, o que significava lutar pela vida.

Comecei a trabalhar com ela com apenas oito anos, furando sapato.

Eu achava divertido na época, porque era um jeito de ficar perto dela. Sem perceber, fui aprendendo de verdade a profissão.

Aos quinze anos, meu caminho tomou um rumo enorme e eu fui morar sozinha. Eram só as minhas contas, a minha maturidade e eu, ainda em construção. Consegui um emprego em uma banca de pesponto, com salário fixo no qual permaneci por cinco anos. Para complementar a renda, trabalhava nos finais de semana como monitora de eventos infantis. Foi assim que paguei minhas contas, tirei minha CNH e comprei minha casa. Pode parecer pouco para alguns, mas pra mim foi uma das maiores conquistas da vida. Depois de cinco anos, a banca onde eu trabalhava fechou. Foi desesperador no começo, mas minha mãe mais uma vez me estendeu a mão. Ela me passou a banca dela, e eu voltei a trabalhar em casa, agora como dona do meu próprio trabalho.

Hoje eu vivo do pesponto, mas não quero que minha história pare por aí. Eu sei o valor de tudo o que aprendi, mas também sei que posso ir além. Foi por isso que decidi entrar na FATEC e começar o curso de Gestão de Recursos Humanos. Quero uma mudança profissional. Quero crescer, ter novas oportunidades, abrir novos caminhos. E, acima de tudo, quero dar orgulho pra minha mãe, como ela sempre me deu orgulho desde que eu me entendo por gente.

Cada coisa que eu conquistei, minha casa, minha independência, minha profissão tem a marca da força que vi nela durante toda a minha vida. Aprendi que recomeçar faz parte e que a gente não precisa ter medo de mudar de rumo.

Hoje, aos 22 anos, eu olho pra minha trajetória e vejo que ela foi costurada como um sapato: ponto por ponto, com paciência, esforço e dedicação. Nada veio fácil, mas tudo veio com propósito. E se eu cheguei até aqui, é porque aprendi com a mulher mais forte que já conheci que não existe vida impossível para quem insiste em continuar.

Se existe uma lição que carrego comigo, é que não importa quantas mudanças aconteçam na vida, o esforço, a adaptação e o aprendizado constantes sempre abrem novas portas.

HISTÓRIA DA MINHA VIDA

Daiane de Souza



Profissional dedicada, apaixonada por desenvolvimento humano, com experiência em desafios pessoais e profissionais que fortaleceram sua trajetória e propósito de vida.

A minha história é a prova viva de que nenhuma dificuldade é capaz de impedir uma mulher que decide vencer. Fui criada pela minha avó materna, uma mulher guerreira que ficou viúva muito jovem, mas que nunca deixou faltar amor, ensinamentos e força. Dela aprendi que coragem não é ausência de medo – é seguir em frente apesar dele.

Comecei a trabalhar aos 12 anos para ajudar em casa e para construir meus próprios sonhos. Mais tarde, me tornei mãe, e isso se tornou o maior motivo para não desistir. Sinto um orgulho imenso da minha filha, e sempre lutei para dar a ela tudo aquilo que eu não tive.

Mas houve momentos em que me perdi. Vivi um relacionamento tóxico, me senti pequena, incapaz, como se meus sonhos – inclusive o de fazer uma faculdade – fossem grandes demais para mim. Doeu, machucou, me fez duvidar de quem eu era.

E ainda assim, dentro de mim havia algo que nunca apagou: a força que herdei da minha avó, a fé que carreguei desde sempre, a coragem que Deus plantou em mim.

Quando olho para trás, eu sei que poderia ter feito muitas coisas de forma diferente. Talvez minha história tivesse sido contada de outro jeito. Talvez eu tivesse menos cicatrizes. Mas eu também sei que Deus sempre sabe de todas as coisas. Nada aconteceu por acaso. Cada dor, cada queda, cada recomeço me trouxe até aqui – mais forte, mais consciente e mais preparada.

O meu casamento não deu certo por alguns motivos, mas a minha fé nunca desmoronou. E os filhos que perdi deste casamento, que hoje são anjos do Senhor, continuam sendo a minha fortaleza. Estão sempre em meu coração, iluminando meus passos e me dando forças para seguir. Deus sempre foi o meu porto seguro, e é Ele quem mantém minha coragem viva todos os dias.

Hoje consigo enxergar tudo o que vivi com gratidão, porque cada capítulo, mesmo os mais difíceis, moldou a mulher que sou agora. Eu renasci das minhas próprias lutas. Eu me tornei mais forte do que jamais imaginei.

Ainda tenho muito pela frente – e isso não me intimida. Me inspira. Porque hoje eu sei do que sou feita: sou feita da força da minha avó, da minha fé em Deus, da minha coragem, da minha superação e da certeza absoluta de que o melhor ainda está por vir.

E hoje, com o coração cheio de orgulho, vivo a realização de um dos maiores sonhos da minha vida: a Faculdade de Gestão de Recursos Humanos. Um sonho que parecia distante, mas que finalmente aconteceu. E ali, naquele caminho que escolhi, eu me sinto imensamente feliz, realizada e grata por cada passo que me trouxe até esse momento.

MINHA MÃE, MEU COMEÇO

Delmara Pereira Guimarães Santos



Meu nome é Delmara, tenho 32 anos, sou casada e tenho três filhos, estou cursando o 2º semestre em Gestão de Recursos Humanos pela Fatec Franca, atualmente procuro uma oportunidade de emprego na área.

Minha história começa muito antes de mim, minha mãe, ainda menina, foi entregue pela própria mãe a um homem temido por toda a cidade. Aos 12 anos, ela foi violentada. Aos 13, já era mãe. E assim vieram seus oito filhos, todos em meio a um ciclo de dor, violência e silêncio.

Minha mãe apanhava todos os dias, era violentada das formas mais tristes, mas nunca deixou de oferecer o que tinha: amor. Ela nos deu a vida e tudo o que pôde. Por isso, não seria possível começar minha história sem falar dela. Ela é meu anjo, minha guerreira, meu exemplo de mulher forte.

Comecei a entender o mundo aos cinco anos. Somos em oito irmãos, e minha mãe sempre nos criou sozinha, com muita dificuldade. Quase nunca tínhamos o que comer. Vivíamos da ajuda de vizinhos e amigos. Todos em casa trabalhavam, menos os mais novos, mas mesmo assim não era suficiente.

Lembro de uma vez em que fui com minha mãe a uma consulta médica e desmaiei de fome. Só me recordo do choro dela – um choro que dizia tudo. Apesar de tanto sofrimento, minha mãe sempre foi uma mulher de fé, mesmo

sem perceber isso.

Quando eu tinha nove anos, numa certa noite, ela me chamou e pediu que a cobrisse. Disse que não sentia as mãos nem as pernas. Aquilo me assustou. Corri até a vizinha, chorando, pedindo ajuda. Ela veio imediatamente e chamou socorro. Minha mãe saiu de casa numa maca e demorou dias para voltar. Eu dormia todas as noites com ela, e a saudade me consumia. O medo também.

Minha mãe teve um AVC e ficou paralisada do pescoço para baixo. Nossa vida, que já era difícil, ficou ainda mais dura. Mas Deus sempre envia pessoas abençoadas. Aos poucos, ela foi se recuperando. Ficou com a mão esquerda sem movimentos, mas voltou para nós. E eu, sem querer, deixei de ser criança. Me tornei adulta.

Aprendi a cozinhar, lavar, cuidar da casa. Corria atrás do que fosse preciso. Se faltava algo, eu pedia aos vizinhos. Na cidade, minha família ficou conhecida pela humildade. Tinha uma coleguinha de escola cuja mãe, Dona Inês, era um amor. Nunca vou me esquecer dela. Eu marcava a hora da janta e corria para casa — era criança, né? Ela já estava acostumada.

Todos os anos, as mães dos meus colegas faziam festas de aniversário e me chamavam. Eu amava. Mas sempre pensava: “Por que eu nunca tive uma festa?” Hoje eu entendo. Minha mãe não tinha condições. Mas naquela época, eu ficava muito triste. Tanto que até hoje não gosto de comemorar meu aniversário. Para os meus filhos, faço questão — mesmo que seja só um bolinho.

Minha mãe nunca saía de casa. No Dia das Crianças, os vizinhos ou eu mesma íamos ao Fundo Social fazer inscrição para ganhar brinquedos. Não podia, mas como já me conheciam, faziam por mim. Era o único presente do ano.

Comecei a trabalhar cedo. Primeiro, ajudava a dona da casa em troca de ovos e leite. Depois, limpava casas por alguns trocados ou por roupas. Virei

babá dos filhos da vizinha aos 10, 11 anos. Até hoje tenho contato com eles. Fui ao casamento de um deles recentemente. E essa semana, soube que a menina que eu trocava fraldas vai ser mamãe.

Aos 12 anos, fui para São Paulo cuidar da minha sobrinha. Morei lá por um ano e depois voltei para minha cidade. Continuei os estudos. Conheci meu esposo numa fábrica de sapatos em Franca. Disse a ele: “Só vamos namorar se minha mãe aprovar.” E ela aprovou. Pouco tempo depois, fomos morar juntos.

Em 2012, sofri um grave acidente e perdi a visão do olho esquerdo. Meu mundo desabou. A recuperação foi dolorosa e até hoje ainda me trato. Entrei em depressão. Os médicos disseram que eu não poderia engravidar. Mas Deus tinha outros planos. Minha filha veio como cura – como luz na escuridão.

Hoje sou feliz. Sempre sonhei em estudar, e agora estou realizando esse sonho: cursando minha primeira faculdade de gestão recursos humanos. Cheguei à Fatec por meio de uma amiga de trabalho, agradeço a Deus por colocá-la em meu caminho.

Essa é a minha história. Sou grata por tudo o que vivi, porque cada dificuldade foi um aprendizado. Se lá atrás eu não tivesse passado por tudo isso, talvez hoje eu não valorizasse as pessoas como valorizo. Por ter sido babá, não tive tanta dificuldade em cuidar dos meus filhos. Dou valor a tudo o que tenho e ensino isso a eles. E claro, ainda tenho muito a melhorar. Mas sigo firme, com fé e gratidão.

QUEM EU SOU?

Eduarda Santos de Oliveira



Eduarda Santos de Oliveira –
Graduanda em Gestão de Recursos Humanos, com experiência em atendimento e comunicação com clientes, atualmente trabalho na Brasilseg (Seguradora do Banco do Brasil) com atendimento no setor de pós vendas, onde realizo tratativas de seguros, abertura de sinistros entre outras demandas. Cada pessoa carrega consigo uma história única e a minha é feita de simplicidade, coragem e muita vontade de crescer.

Nasci na cidade de Franca, interior de São Paulo, em uma família simples, mas empreendedora.

Quando minha mãe descobriu que estava grávida de mim, ela e meu pai ainda não eram casados e não tinham nada.

Depois disso, correram atrás de tudo para conseguirem nossa casa, que foi onde vivi grande parte da minha infância.

Com muito esforço, eles conseguiram: meu pai fazia pão e minha mãe saía de bicicleta para vender.

O motivo de eu ter mencionado isso é que, desde pequena, essa vontade de conquistar minhas próprias coisas, aprendi com meus pais.

Sempre fui uma criança que gostava de trabalhar: fazia trufas, miçangas e outras coisas para vender; também trabalhava na mercearia do meu tio. Desde sempre gostei de pessoas e de conversar.

Com 14 anos, consegui meu primeiro emprego como menor aprendiz, trabalhando como guarda-volumes. E, por ser aprendiz, era obrigatório fazer um curso uma vez por semana no CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola), que nos ensinava a desenvolver habilidades para o mercado de trabalho e como ser um diferencial ali.

Depois desse emprego como menor aprendiz, fiquei fazendo apenas freelances e estudando. Aos 18 anos, consegui entrar novamente no mercado de trabalho e tive várias experiências em atendimento, comunicação, desenvolvimento profissional e em como ser uma boa funcionária.

Em 2019, entrei na Brasilseg, empresa onde estou atualmente. É uma empresa muito grande, que oferece várias oportunidades de aprendizado.

Ainda estou no mesmo cargo, mas já aprendi muito aqui. A empresa oferece oportunidades de crescimento e movimentação interna, mas é necessário estar cursando ou ter concluído uma faculdade. Foi então que pensei: por que não fazer o curso de Recursos Humanos na Fatec de Franca?

Hoje consegui me ingressar na FATEC e meu maior desejo é finalizar o curso com excelência e me tornar uma excelente profissional na área.

QUINTAL DE CASA: raízes e recomeços

Emily Jenifer Ramos Lima



Emily Lima está cursando Gestão de Recursos Humanos pela Fatec de Franca, trabalha no setor financeiro do Conjunto Empresarial Moriah.

No interior da Paraíba, há uma cidadezinha bem pequena chamada Itabaiana. Ainda criança eu aprendi que 'ita' quer dizer 'pedra' e 'baiana' significa 'que dança'. A cidade ganhou esse nome porque, no Rio Paraíba, rio que corta a cidade, há muitas pedras, e quando a água bate nessas pedras, elas parecem estar dançando.

Foi nessa cidadezinha que eu nasci e vivi a maior parte da minha infância. Cresci em uma casa muito simples, mas com quintal grande, onde eu preparava comidinhas de terra e planta para as minhas bonecas. No quintal tinha galinha, pé de romã, pé de arruda, pé de banana e um pé de goiaba que eu vivia subindo. Lá também, minha avó torrava e moía milho para fazer farinha e vender na feira. Mesmo sendo filha única por parte de mãe, cresci rodeada de tios, primos e muitos amigos.

Minha infância é um lugar feliz que, apesar das dificuldades de uma cidade muito humilde, a primeira coisa que me vem à cabeça quando me lembro dela é o quanto fui feliz brincando pelas ruas de pega-pega, queimada, dono da rua, esconde-esconde, e tantas outras brincadeiras com os meus

amigos. O quanto era gostoso pegar fruta no pé, tomar banho de açude e poder andar na rua com tranquilidade e a segurança de cidade pequena.

Os anos foram passando e minha avó desenvolveu Alzheimer, que se agravava com o passar do tempo, e por isso minha mãe decidiu morar no interior de São Paulo, no mesmo lugar onde alguns tios meus já moravam. Com isso, eles passariam mais tempo com a minha avó e a nova cidade também disponibilizava mais recursos para cuidar dela. Assim, viemos morar em Franca. Chegando aqui, me deparei com uma mudança bem grande: a forma de falar, a alimentação, o clima, tudo bem diferente do Nordeste. Apesar de me sentir deslocada, com o tempo fui me adaptando, comecei a estudar em uma nova escola e fiz novos amigos.

A partir daí, vejo como o início de um ciclo, um período muito complexo que até hoje busco entender como ele molda quem eu sou hoje. Engravidei aos 13 anos e fui mãe aos 14. Acredito que nem preciso descrever o quanto foi chocante, né? O peso da frase que conta esse fato por si só já descreve. Eu, que sempre tentei não dar trabalho, pois a minha mãe já tinha o bastante, sempre responsável, tentando agradar as pessoas, sempre servindo, me vi diante de um pesadelo, pois, além da responsabilidade de ser mãe em alguns meses, pesava muito tantos julgamentos e condenações. Ouvi tantas vezes frases como “Acabou com a sua vida”, “Não vai mais nem estudar”, “Uma criança cuidando de outra”, que eu quase acreditei que elas realmente iriam me definir.

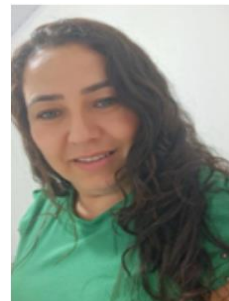
Mas para minha própria surpresa, eu sou bem mais forte do que pensava. Tive uma gestação saudável, frequentei a escola até o 8º mês de gestação e tive muito apoio e cuidado da equipe de gestão escolar no período. A Julia, nasceu de parto normal, em 26 de março de 2013, às 3h35 da manhã, com 3,2 kg. Minha família e uma amiga muito querida da época me ajudaram muito, tanto na gestação quanto após o nascimento da minha filha, para que pudesse continuar estudando.

A chegada da Julia me mudou completamente, descobri uma coragem que eu não fazia ideia que tinha, fez de mim uma pessoa determinada a ir atrás do que eu acredito ser o melhor e o certo. Aos 15 anos saí da casa da minha mãe apenas com a minha filha e uma bolsa de bebê, consegui uma casa para morar, um emprego, tirei habilitação, concluí o ensino médio (e teve até festa de formatura), entrei na faculdade e fiz 1 ano e meio de biomedicina, financiei meu apartamento e comprei meu primeiro carro. Essa Emily da adolescência me inspira todos os dias, e sinto um orgulho imenso dela, hoje se eu pudesse voltar no passado por um momento, lhe daria apenas um abraço que tantas vezes lhe faltou.

A Julia cresceu, já tem 12 anos, a família ganhou um novo integrante chamado Pipoca, e eu posso retomar os planos, viver os sonhos que lá atrás eu precisei adiar, como por exemplo, a faculdade. Estar cursando GRH na Fatec hoje é realizar o sonho da Emily adolescente que tanto queria fazer faculdade e ter uma carreira, ao mesmo tempo que atende uma necessidade da Emily de hoje, que precisa viver novas experiências, quer crescer profissionalmente, e poder dar mais conforto para a família que construiu.

UMA JORNADA DE VIDA E AMOR

Érica Augusta de Oliveira



Me chamo Érica Augusta de Oliveira, tenho 46 anos, sou casada, tenho 2 filhos, estou cursando o 2º semestre em Gestão de Recursos Humanos pela Fatec Franca, sou autônoma e estou em busca de um cargo na área de Recursos Humanos.

Quando paro para pensar, percebo o quanto a vida passa rápido. Às vezes, parece que foi ontem que eu sonhava acordada com o futuro.

Na adolescência, por volta dos 16 anos, eu não ligava muito para os estudos, pois sonhava em ter minha casa, minha família, meus filhos. Tudo parecia tão simples, quase como um conto de fadas que eu acreditava que viveria.

Casei-me em 1999, cheia de sonhos e expectativas. No começo, tudo era aprendizado, descobertas e desafios. A vida de casada não era exatamente como eu imaginava, mas trazia algumas alegrias.

Com o tempo, vieram as mudanças, os altos e baixos, e também o nosso primeiro filho, o Daniel. Foi um momento de imensa felicidade, tudo o que eu havia sonhado começou a se tornar realidade. Eu me dedicava à família, cuidava de tudo com amor e, mesmo com as lutas, encontrava forças no carinho que nos unia.

Os anos passaram, e a vida me presenteou com novos capítulos. Tive minha tão esperada filha Isadora, vivi novas emoções e aprendi que o amor verdadeiro não é feito de perfeição, mas de persistência, companheirismo e fé.

Hoje, olhando para trás, vejo o quanto crescemos juntos. Foram muitas batalhas, sim, mas também muitas conquistas. Com dois filhos pequenos, a vida não era fácil, dependia de ajuda da minha mãe e irmãs para cuidar, foi aí que resolvi trabalhar em casa para acompanhá-los no crescimento, ajudando nas tarefas da escola e participando do dia a dia deles.

O tempo passou, e meus filhos cresceram. O Daniel, aos 19 anos, conheceu a Nayra, e logo decidiram se casar. Foi um passo precoce, mas tomado com amor, eles estavam felizes e juntos começaram a construir a própria família.

De repente, a casa ficou mais silenciosa. A minha filha mais nova, já crescida e eu me via com um espaço vazio e muito tempo para pensar. Foi então que comecei a refletir sobre minha vida e percebi que ainda havia sonhos adormecidos dentro de mim. Eu me arrependia de não ter estudado mais quando era mais nova, mas também entendia que as dificuldades financeiras haviam me impedido, mesmo assim, decidi que ainda havia tempo para recomeçar. Em 2019, fiz a prova do Enseja e consegui ir bem na maioria das matérias, mas fiquei na matemática, confesso que desanimei um pouco. Mesmo assim, aprendi que cada desafio é parte do caminho, e, no fundo, percebi que nunca é tarde para aprender, para sonhar e para ir em frente. Mesmo desanimada com a matemática decidi continuar. Em 2023, tomei coragem e resolvi fazer novamente a prova do Enseja de matemática e para minha surpresa, consegui. Fiz a prova em dezembro e quando saiu o resultado não tive coragem de conferir, em janeiro, ao conferir o resultado, me dei conta que havia alcançado. Era como se uma nova porta tivesse se aberto diante de mim.

Com esse resultado, comecei a sonhar novamente. No ano seguinte, em

2024, pesquisei sobre o curso de psicologia, pois era minha área de interesse, mas não tive condições financeiras para pagar, porém eu estava determinada a seguir em frente. A rotina era cansativa e, às vezes, o desânimo batia forte, mas a vontade de vencer era ainda maior. Com o tempo fui redescobrimo a mulher que sempre existiu dentro de mim, uma mulher forte, capaz e sonhadora. No meio a tantas mudanças, veio também um susto, em março de 2024, estava com uma hemorragia e início de anemia esse período foi um turbilhão, procurei um médico e, após alguns exames, veio a notícia que ninguém estava preparado para ouvir, seria necessária uma cirurgia para retirada do útero. Fiz a cirurgia de retirada no dia 6 de junho de 2024 e foi realizada a biópsia, o resultado confirmou que era um câncer, o chão se abriu sob meus pés, mas, mesmo em meio ao medo, algo dentro de mim dizia que eu não estava sozinha.

Com a graça e misericórdia de Deus, a notícia seguinte veio como um milagre, o tumor havia sido retirado completamente e eu estava livre da doença, sem metástases. Ainda assim, os médicos recomendaram uma nova cirurgia, para retirar os ovários e para limpar a área afetada para garantir que tudo ficasse bem. Fiz tudo com serenidade, confiante de que Deus tinha um propósito em cada detalhe.

Depois da recuperação, voltei à minha rotina e, em outubro de 2024, uma amiga me falou sobre inscrições para o vestibular de Recursos Humanos na Fatec Franca. No início hesitei, me questionei: “será que consigo? Já passei por tanta coisa...” E para completar minha mãe teve uma queda e com isso precisou dos cuidados dos filhos. E, mesmo com coração apertado, e com o corpo ainda em recuperação, decidi tentar e, com fé, me inscrevi. Em janeiro de 2025 fiz a prova, assim que saiu o resultado recebi a mensagem do professor Dândaro perguntando se eu queria participar da aula a partir de segunda-feira como ouvinte. Fiquei sem palavras, era como se Deus estivesse sussurrando: “Vai, é a sua vez.” Sem hesitar eu disse sim, pois não poderia

perder aquela oportunidade.

E assim, cheia de fé e esperança, comecei uma nova fase. Hoje estou concluindo o 2º semestre de GRH e cada conquista é uma prova viva de que os milagres acontecem, basta acreditar.

Tudo o que vivi, desde os momentos mais sombrios até as vitórias mais lindas, me ensinaram que Deus nunca abandona quem confia Nele e é por Ele, e para a Sua glória, que eu sigo. Tenho comigo a célebre frase: “Desistir é para os fracos, pois os fortes confiam em Deus”. Sou forte!

FABÍOLA: contando a minha história

Fabíola Silva Oliveira Bianchini



Formanda em Gestão de Recursos Humanos e técnica em Contabilidade, nascida em Franca, SP. Criativa e curiosa, apaixonada por autoconhecimento. Comprometida em ajudar pessoas por meio do meu propósito.

Desde criança, sempre fui uma menina cheia de imaginação e uma verdadeira "Maria dos porquês". Na adolescência, já pensava que tipo de faculdade queria fazer e cheguei a cogitar Psicologia, mas, devido à falta de recursos financeiros e à responsabilidade que isso exigia, adiei esse sonho.

Comecei a namorar jovem, casei e logo tive minha primeira filha. Naquela época, fiquei em casa trabalhando com venda de cosméticos e cuidando das notas fiscais da empresa do meu pai. Pouco tempo depois, tive meu segundo filho e, três anos depois, o terceiro. Com a chegada dele, decidi buscar trabalho fora de casa.

Foi então que entrei em uma área diferente da indústria calçadista, passei a estudar Marketing Digital e me apaixonei pelo empreendedorismo digital. Tentei me estabelecer nessa área, mas sem sucesso. Posteriormente, decidi vender roupas fitness, pois queria ajudar mulheres com baixa autoestima, muito inspirada na minha própria superação de uma crise de pânico e na musculação, que me trouxe equilíbrio emocional.

Em 2023, abri minha loja online e passei um ano tentando aplicar todo o conhecimento que havia adquirido. Porém, percebi que me faltava uma base administrativa, o que me motivou a buscar um curso técnico que pudesse fortalecer essa área para replicar no meu negócio. Passei na prova da ETEC e da FATEC da minha cidade, Franca. Na ETEC, apesar de ter escolhido logística, a turma não abriu e fui direcionada para técnico em contabilidade, que comecei a cursar.

Enquanto isso, comecei a trabalhar na Unimed, uma cooperativa médica da cidade, no setor de atendimento. Percebi, no entanto, que aquela função não me fazia sentir realizada, por causa de traumas anteriores em outras empresas. Foi então que percebi que o curso técnico em contabilidade estava me abrindo portas e fazia sentido para mim.

Diante disso, precisei escolher entre continuar trabalhando e estudando à noite ou me dedicar exclusivamente aos estudos durante o dia para cursar a faculdade. Com o apoio do meu marido, decidi deixar o trabalho para seguir o curso de Gestão de Recursos Humanos na FATEC e também continuar com o técnico em contabilidade.

Ao ingressar na faculdade, compreendi melhor meu perfil profissional e decidi fechar a loja de roupas fitness para focar na minha carreira de gestora de pessoas. Hoje me sinto feliz e realizada com essa escolha, já consegui um estágio no departamento pessoal e me identifico muito com a área. Aquela menina curiosa, que sempre quis aprender mais, está agora estudando, crescendo e ajudando outras pessoas de alguma forma.

RÉQUIEM A GUSTAVO

Gustavo de Oliveira Sousa



Gustavo Sousa me formando em Gestão de Recursos Humanos pela Fatec. Atuo como cortador de ferro possuo conhecimentos na área de T.I. Interessado em liderança.

Há alguns anos, olhei para o abismo – e o abismo me olhou de volta. Quando percebi que ele era eu mesmo, entendi o porquê de tantos anos de luta. Por muito tempo, me negligenciei, me ignorei, me omiti diante do que eu realmente era. Estava perdido em meus pensamentos: sobre quem sou, sobre o que deveria ser, sobre o que a sociedade esperava de mim.

Mas o que eu queria, de fato? Esse era o meu abismo – o que eu queria para mim. No auge da adolescência, descobri o autoconhecimento. Comecei pequeno, com contos como O Cavaleiro Preso em Sua Armadura, e, nesses contos, comecei a entender que vivia dentro de um ser que não era o Gustavo, mas um personagem.

Ao me questionar sobre minha persona, encontrei Carl Jung e sua teoria da duplicidade da consciência, com seus conceitos de inconsciente coletivo, arquétipos, individuação, sincronicidade e complexos. Foi então que me deparei com minha sombra – aquela velha amiga, meu velho inimigo – o Gustavo que eu escondia de mim mesmo.

Através de Jung, Viktor Frankl e sua Logoterapia, do estoicismo de

Zenão e do existencialismo de Sartre, comecei a compreender um pouco mais sobre o abismo que me habitava. Seguindo a ordem dos fatores, com a fábula do cavaleiro preso dentro da armadura percebi a persona que eu vestia para a sociedade. Com o estudo de Jung, descobri que essa armadura era a minha persona, uma máscara que eu mostrava ao mundo por medo de não ser aceito.

Pelo estoicismo, compreendi que a opinião dos outros não está sob meu controle – e que, se eu for autêntico, serei aceito pelas pessoas certas, aquelas que realmente compartilharão a vida comigo. A Logoterapia de Viktor Frankl me ensinou a aceitar o fator improvável da vida, a conviver e compreender a dor. Já o existencialismo de Sartre me mostrou que sou livre para escolher meu próprio caminho, sem a interferência da sociedade.

Essa jornada de autoconhecimento, como todos sabem, inicia-se por duas razões: ou por um trauma, ou por necessidade. O título Réquiem já diz bem qual dessas razões me levou ao caminho do autoconhecimento.

Porém, ainda me faltava algo. Sentia um vazio que não sabia como preencher. O que fazer para entender o que me faltava? Até que descobri o livro *O Velho e o Menino*, e entendi: o que me faltava era o propósito.

Na história de Roberto Tranjan, somos apresentados a Benjamin Taful, um idoso escritor e filantrópico que, por acaso, conhece o protagonista – que não possui nome (propositalmente, para que o leitor se identifique) – em um ônibus. Ele apresenta ao menino os cinco desígnios para a criação de um propósito. Ao ler o livro, me senti na pele daquele garoto perdido na selva de pedra, sem saber o que procurava, o que queria, o que desejava. Propus-me, então, a ler o livro como uma lição de casa: criar meu próprio propósito – que veio a ser: viver uma vida que deixe uma lembrança feliz aos que me cercam.

Para chegar a esse propósito, Taful propõe a criação de três desejos. Os meus foram: ser lembrado, ter uma vida feliz e marcar as pessoas ao meu redor. E, como um bom aprendiz, analisei meus desejos à luz dos cinco desígnios: o primeiro, o criador e a criatura, representa a responsabilidade por

nossas ações; o segundo, a falta e a falta, questiona se nossos desejos revelam carência ou expressam abundância; o terceiro, o sujeito e o objeto, faz refletir se os desejos são úteis ou contributivos a alguém; o quarto, o aqui e o acolá, propõe equilibrar presente e futuro, traçando metas agora para alcançar o que vem depois; e, por fim, o quinto, o ufa e o oba, leva a entender se, ao alcançar o propósito, sentiremos alívio ou celebração.

Como se vê, O Velho e o Menino teve grande influência na formação do meu propósito e personalidade. Apesar de muitos outros autores e filósofos terem me marcado, Roberto Tranjan e sua obra foram fundamentais para a decisão sobre o que fazer do meu ofício.

Antes, por escutar a sociedade, escolhi a Engenharia – escutava que era bom em matemática. Mas, apesar das notas, nunca senti que esse era o meu propósito. Queria entender como o ser humano pensa, age, reage e sente dentro de uma organização. Talvez por ter trabalhado desde cedo, sempre observei como os colaboradores são tratados até hoje em empresas de visão antiquada.

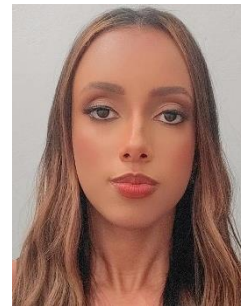
Por essa razão, decidi mudar o rumo da minha vida – abandonar uma carreira promissora na Engenharia civil e migrar para a área de Humanas. Quis fazer o que Roberto Tranjan propõe: levar propósito aos jovens que, assim como eu um dia, estão perdidos.

No início do curso, quis seguir a área burocrática do departamento pessoal, mas, ao longo dos Projetos Integradores e das conversas com uma professora em especial, percebi minha vocação para liderar pessoas pois a mesma me ensinou que a liderança é algo nato, não ensinado.

Hoje, compreendo que o velho Gustavo cumpriu seu papel já que precisou existir para que eu pudesse me reconstruir. Decidi que era hora de dar um descanso a ele e seguir minha nova versão. Se ela é melhor ou pior, apenas o tempo dirá mas, pela primeira vez, não temo a resposta. E sigo com a certeza de quando olhar novamente para o abismo verei alguém sorrindo de volta.

MINHA JORNADA ATÉ O CURSO DE GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

Isabela Duarte Franco



Estudante de Gestão de Recursos Humanos pela FATEC Franca, atua na área administrativa escolar. Focada em construir uma carreira que tenha um propósito, desenvolvimento humano e gestão de pessoas.

Desde muito nova, sempre fui aquela menina que gostava de conversar com todo mundo. Tinha uma curiosidade natural pelas pessoas, seus jeitos, histórias, modos de pensar e isso fazia com que eu criasse conexões com facilidade. Eu gostava de observar, ouvir e compreender, mesmo sem perceber que essas características já apontavam para algo maior no meu futuro.

Apesar disso, por muito tempo fiquei perdida sobre qual carreira seguir. Pensava em fazer outros cursos, buscava diferentes áreas, mas nenhuma delas parecia fazer sentido de verdade. Era como se algo dentro de mim soubesse que meu caminho estava em outro lugar, mas eu ainda não conseguia enxergar claramente.

Ao mesmo tempo, minha vida pessoal sempre teve um papel enorme nas minhas escolhas. Sempre fui muito dedicada à minha família, e isso me moldou profundamente. Passei grande parte da minha vida cuidando da minha avó, que enfrentava o Alzheimer em estado paliativo. Foram anos de

dedicação, paciência, cansaço, amor e crescimento emocional. Ali, aprendi sobre fragilidade humana, empatia, responsabilidade e, principalmente, sobre o valor de estar presente para alguém.

Então, quatro dias antes do início das aulas na faculdade, minha avó faleceu. Foi um momento extremamente difícil. A sensação de perda se misturou com a necessidade de reorganizar minha própria vida, que até então girava em torno dos cuidados com ela. Era como se eu estivesse em um vazio emocional, entrando em um novo ciclo enquanto me despedia de um dos mais importantes da minha história.

Mesmo com o coração apertado, decidi seguir adiante. Foi através do Provão Paulista que consegui minha vaga na FATEC Franca, e isso representou para mim não apenas uma oportunidade acadêmica, mas também uma nova chance de reconstruir meu futuro. No meio de tanta incerteza, enxerguei nessa conquista um sinal de que eu precisava continuar e acreditar no meu potencial.

Escolher o curso de Gestão de Recursos Humanos fez todo sentido quando percebi que ele unia o que eu sempre tive de mais natural: a capacidade de lidar com pessoas, a sensibilidade para ouvi-las e a vontade genuína de fazer diferença na vida delas. Minha trajetória, marcada por desafios familiares, perdas e amadurecimento, me preparou para essa área de forma única.

Começar a faculdade em um momento tão delicado da minha vida foi um desafio, mas também um divisor de águas. Cada aula, cada conteúdo, cada troca com colegas reforçou que eu estava no caminho certo. Hoje, compreendo que toda a minha caminhada, desde a menina curiosa que amava conversar até a jovem resiliente que enfrentou de perto a fragilidade da vida, me trouxe até aqui.

E aqui estou: construindo minha história no curso de Gestão de Recursos Humanos da FATEC Franca, com propósito, sensibilidade e a certeza

de que cada passo, até mesmo os mais difíceis, me tornou a profissional e a pessoa que estou me preparando para ser.

A ARQUITETURA DA RESILIÊNCIA: a jornada de uma busca por sentido até o RH

Isabella Ramos Faleiros



Estudante de Gestão de Recursos Humanos na Fatec, apaixonada por desenvolvimento pessoal e pelo potencial humano nas organizações. Busca, constantemente, aprimorar suas habilidades através de cursos, treinamentos e experiências de vida que fortalecem seu propósito profissional.

Minha história é marcada por grandes mudanças, desafios e recomeços. Desde pequena, morei em muitas cidades e vivi experiências muito diferentes, algumas boas, outras ruins e até difíceis. Cada mudança significava começar do zero: escola nova, novos colegas, novas matérias e com níveis de dificuldade diferentes. Esses constantes recomeços me fizeram sentir, muitas vezes, que estava sempre a um passo atrás das outras pessoas da minha idade e me trouxe a sensação de que não era boa o bastante. Tive dificuldades para fixar os aprendizados ao longo da vida e para acompanhar o ritmo escolar com devida importância, o que abalou bastante a minha autoconfiança trazendo-me grandes níveis de estresse durante épocas de avaliações escolares.

Além das dificuldades escolares, também enfrentei pressões emocionais. Sempre ouvi dos familiares que eu precisava estudar e me tornar

“alguém na vida” e, sempre pensei que era uma forma de compensar as oportunidades que minha mãe não teve e honrar a sua luta diária pelo meu sucesso. Ao mesmo tempo, lidei com problemas paternos que deixaram marcas profundas e me tornaram uma pessoa insegura em vários aspectos. Ainda assim, mesmo nos momentos em que pensei em desistir, escolhi seguir em frente com aqueles que me amavam verdadeiramente.

Com o passar do tempo, a educação se tornou minha forma de resistência. Mesmo nas dificuldades, não me deixei abalar, estudei inglês, fiz diversos cursos e treinamentos profissionais, sempre buscando melhorar como ser humano e profissional, mesmo quando as condições financeiras não me permitiam sonhar tão alto, sempre fiz um esforço para ir atrás dos meus sonhos. Por muito tempo, também não sabia qual caminho seguir e nem por onde começar no mundo universitário. Até que decidi tentar o vestibular da Fatec, e conquistei minha vaga em Gestão de Recursos Humanos quase que sem acreditar que havia conseguido.

Hoje, finalizando o primeiro ano do curso, percebo que cada mudança e cada dor me trouxeram até aqui. Escolhi GRH porque acredito nas pessoas e na capacidade que todos têm de evoluir. Quero compreender o comportamento humano dentro das empresas, ajudar outros a descobrirem seu potencial e, principalmente, continuar descobrindo o meu. Ainda não sei exatamente aonde vou chegar, mas sei que estou no caminho certo, o caminho da minha melhor versão.

HISTÓRIA DE VIDA: minha trajetória até a Fatec Franca

Jaddy Gabrielli da Silva



Tenho 19 anos, curso Gestão de Recursos Humanos na Fatec Franca.

Nasci no dia 28 de fevereiro de 2007, na cidade de Franca, interior de São Paulo, no Hospital Central Santa Casa. Fui filha única durante os primeiros seis anos da minha vida e cresci em um ambiente familiar acolhedor, convivendo na mesma casa com meus pais e meus avós. Em 2013, nasceu minha irmã, que desde então se tornou minha grande companheira e uma das pessoas mais importantes da minha vida. Já possuía uma irmã por parte de pai, com quem fui próxima apenas na infância. Alguns anos depois, em 2017, nasceu meu irmão, o tão esperado menino da família, completando nossa casa com ainda mais amor e união.

Minha trajetória escolar começou desde o berçário, em creches de bairro. Posteriormente, iniciei o ensino fundamental na Escola Pestalozzi, onde permaneci até o 5º ano. Sempre admirei essa instituição e tinha o desejo de estudar lá, o que se tornou uma experiência marcante em minha formação. Após esse período, pedi à minha mãe para me matricular na Escola Estadual David Carneiro Ewbank, muito conhecida na região e frequentada por amigos meus. Apesar de sua resistência inicial, após muita insistência ela aceitou e me matriculou. Estudei nessa escola do 6º ano até a conclusão do ensino médio, em 2024, enfrentando diversas dificuldades, mas também alcançando

importantes conquistas pessoais e acadêmicas.

Durante o ensino médio, especialmente no 2º ano, senti a necessidade de buscar independência financeira. Embora não fosse necessário trabalhar para ajudar em casa, queria ter minhas próprias conquistas e aliviar um pouco a responsabilidade que recaía sobre minha mãe. Foi nesse momento que decidi participar de um curso complementar chamado ESAC, que me ajudou a desenvolver novas perspectivas sobre a vida e o futuro. Por meio desse curso, consegui uma oportunidade de trabalho como jovem aprendiz em uma creche, em 2023. Trabalhar com crianças sempre foi um sonho, e essa experiência se tornou extremamente significativa para mim. Apesar da rotina intensa entrava no trabalho às 10h, saía às 17h15 e ia direto para a escola à noite, sentia-me feliz e realizada. Mesmo com o cansaço e as dificuldades, aprendi muito e cresci como pessoa, fortalecendo valores como responsabilidade, empatia e paciência.

No último ano do ensino médio, recebi a visita de representantes da FATEC Franca, que apresentaram os cursos disponíveis e explicaram o processo do vestibular. Peguei o panfleto, mas fiquei receosa, pois acreditava que não seria capaz de passar. Algumas semanas depois, em um sábado à tarde, recebi uma ligação da professora Ana Salomão, da FATEC Franca. Inicialmente, recusei a ligação, mas ao atender, ela me apresentou os cursos e perguntou se eu gostaria de realizar a inscrição. Mesmo com medo, aceitei o desafio.

Fiz o vestibular e, após um mês de espera, recebi a notícia de que havia ficado na lista de espera. Fiquei tensa e pensativa, imaginando que talvez não tivesse sido aprovada. Entrei em contato com a professora Ana Salomão para entender o motivo da demora, e ela me tranquilizou, explicando que os primeiros selecionados haviam sido chamados e que em breve eu seria convocada. Suas palavras me deixaram mais calma e ansiosa pela oportunidade. Pouco tempo depois, recebi a confirmação de que havia sido

chamada. A sensação foi indescritível uma mistura de alívio, alegria e superação.

No primeiro dia de aula, cheguei tímida e insegura, sem saber o que esperar. A verdade é que Gestão de Recursos Humanos nunca havia sido uma opção pensada por mim, mas logo percebi que esse curso tinha muito a ver com o que eu gosto: trabalhar com pessoas, compreender comportamentos e ajudar no desenvolvimento humano. Achei que seria apenas uma formação profissional, mas acabei descobrindo muito sobre mim mesma.

Durante esse ano cursando Gestão de Recursos Humanos, enfrentei grandes desafios para conciliar os estudos com o trabalho. Frequentemente, saio direto do serviço para a faculdade, sem sequer passar em casa. É uma rotina cansativa, mas sei que todo o esforço valerá a pena no futuro. Cada dia representa um aprendizado, e mesmo com o cansaço, sigo firme, lembrando do motivo que me trouxe até aqui.

Atualmente, já se passou quase um ano desde o início do curso. Serei sincera: ainda tenho dúvidas sobre qual caminho seguir profissionalmente. No momento, tenho planos diferentes dos que imaginava anteriormente. Ainda não sei se continuarei na área de Gestão de Recursos Humanos, mas reconheço que esse foi um passo importante para o meu crescimento e amadurecimento pessoal.

Recentemente, o desejo de prestar o concurso da Polícia Militar começou a despertar meu interesse. Como já havia passado pela experiência do vestibular da FATEC, senti-me mais confiante para enfrentar esse novo desafio. Realizei a inscrição e, no final deste mês de novembro de 2025, realizarei a prova. Continuo em busca de escolhas que se encaixem com meus objetivos e com o que acredito para o futuro assim como o curso de GRH se encaixou de uma forma que eu jamais imaginaria.

Hoje me vejo como uma pessoa com metas definidas, mais madura e com uma visão de mundo diferente. Aprendi a ser mais paciente, empática e

confiante. Ainda tenho inseguranças e medos, mas percebo que, através do curso, venho aprimorando diariamente o meu lado pessoal. A formação tem me ensinado que crescer não significa ter todas as respostas, e sim aprender com cada etapa da jornada.

Tenho um grande sonho de construir um futuro promissor: formar uma família, casar, conquistar minha casa própria e alcançar minha independência. Desejo uma vida feliz e repleta de aprendizados, e reconheço o quanto cresci e aprendi ao longo dos anos. Tudo o que vivi até aqui contribuiu para a pessoa que me tornei.

Sou profundamente grata pela oportunidade de me conhecer melhor por meio deste curso, que tem me ensinado não apenas sobre o mundo profissional, mas também sobre mim mesma. E, quem sabe, com o passar dos dois anos que ainda tenho pela frente, eu possa mudar de ideia e continuar exercendo nesta área, que de forma tão inesperada acabou se tornando parte importante da minha trajetória.

MEU STORYTELLING

Julia Graciela de Freitas Pinheiro



Tenho 22 anos e atualmente estou cursando Gestão de Recursos Humanos na Fatec Franca.

Eu nasci numa quarta-feira, por volta das dez da noite. Meu pai escolheu meu nome: Julia Graciela. “Julia” por causa de uma senhora muito gentil que ele conhecia, e “Graciela” por causa de uma delegada que ele achava bonita e que defendia as mulheres. Nasci de sete meses, bem pequena, mas logo pude ir para casa.

Quem sempre cuidou de mim foi meu pai, porque minha mãe nunca foi muito presente. Mas ele ficou muito doente e precisou ser internado. Como bebia bastante, acabava ficando sedado no hospital. Minha avó paterna, Aulentina, começou a cuidar de mim. Antes de falecer, com apenas 30 anos, meu pai pediu que ela ficasse responsável por mim. E foi isso que aconteceu.

Eu cresci com a minha avó, que já tinha 50 anos na época. Foi nesse período que apareceu a Cíntia, que me ajudou a criar. As duas lutaram pela minha guarda, porque minha mãe biológica queria me levar, mas elas conseguiram. A Cíntia virou minha madrinha e me acompanhou de perto a vida toda. Eu morava com minha avó, mas passava férias e finais de semana com a madrinha.

Cresci saudável e sempre tratei as duas como mães. Também ganhei

mais família por parte da madrinha, e isso fez muita diferença pra mim. Minha avó sempre me deu amor, mesmo com dificuldades, e sempre pôde contar com a ajuda da irmã e da Cíntia, Nunca faltou amor e sempre fazia de tudo para me fazer feliz.

Desde pequena, eu gostava de desenhar, cuidava dos animais da escola: tirava lagartas do chão, observava besouros, minhocas e pássaros. Nas férias na fazenda com a madrinha, meu amor pela natureza só crescia. Eu também criava minhas próprias coisas que acreditava que besouros azuis davam sorte, que borboletas realizavam pedidos e que eu tinha que olhar o céu toda noite e ver as estrelas para matar a saudade do meu pai. Apesar do meu jeito criativo, o ensino fundamental não foi fácil. Sofri bullying e odiava matemática. Mas sempre dava um jeito de ficar no meu mundinho se tornando cada vez mais introvertida, apesar disso eu era criança de personalidade forte e única.

No ensino médio, achei que tudo ia melhorar. Era uma escola perto de casa e, no começo, fiz amigos. Só que em casa as coisas começaram a piorar. Alguns tios e primos passaram a me tratar mal e me julgar de todas as formas possíveis. Na escola também tinha julgamento, Aos poucos, isso mexeu com a minha autoestima. Eu me tornei de uma criança de personalidade forte para um jovem inseguro, fiz boas amizades e tive bons momentos no ensino médio que me ajudaram a levar a vida, mas nessa época eu comecei a ter problemas de ansiedade que dificultava eu fazer mais amigos e participar das coisas.

Aos 17 anos, eu estava acumulando problemas. Relacionamento que deram errado, amizades se desfazendo, a família piorando comigo... e eu quase não via mais minha madrinha, minha mãe ficou doente e perdeu um dos rins e o outro estava com baixa função nesse tempo ela perdeu um dos filhos. Depois veio o Covid-19 e a pandemia e terminei meu 3º ano em casa. Com tanta coisa acontecendo entrei em depressão e evitava sair de casa. Às vezes, só de ir ao mercado eu passava mal. Eu nunca falava com ninguém sobre isso.

Mas a vida não para e cuidava da minha mãe e sempre ia no médico com ela e ficava dias no hospital. A responsabilidade era enorme pra minha idade, e eu estava sobrecarregada. Até que tive um colapso mental. A madrinha me levou ao médico e comecei a tratar a ansiedade.

Com o tempo, fui melhorando. Voltei a conversar com um amigo do ensino médio e a amizade virou namoro. Voltei a ver amigos antigos também. O namoro deu certo por um tempo, mas acabou. Eu queria muito estudar e ter uma profissão. Queria fazer Design Gráfico mas não deu certo. Fiz curso de robótica, depois auxiliar de farmácia. Trabalhei em farmácia, fiz bicos, trabalhei em padaria de mercado. Tentei entrar em algumas faculdades e não consegui. Até que ouvi falar da Fatec.

Passei para ADS, mas achei que não ia gostar e não fiz a matrícula. Depois tentei novamente, agora em Recursos Humanos e passei. Comecei a faculdade trabalhando, mas estava pesado demais. Eu mal via minha avó. Então decidi sair do emprego e focar nos estudos e nela. Na faculdade fiz bons amigos, conheci pessoas novas. Aprendi ver o mundo e eu de outra forma, e sempre em busca de melhorar. Sou muito grata de ter sido criada por duas mulheres incríveis que me ensinaram muito.

Hoje, com 22 anos, continuo estudando Recursos Humanos e estou gostando muito. Depois de tudo o que passei, sinto que finalmente estou construindo meu caminho.

UMA HISTÓRIA DE FÉ E SUPERAÇÃO

Juliana Cristina Alves Silva



Esposa, mãe de 3, mulher de fé e estudante do curso de Gestão Em Recursos Humanos da Fatec Franca.

Tenho 48 anos, sou casada há 26 anos com Samuel Nunes da Silva e fomos abençoados com 3 filhos; Ana Júlia, Ana Caroline e Davi.

Desde pequena, sempre acreditei que a educação é o caminho para transformar vidas. Sonhava em estudar, em conquistar um diploma e em ser uma profissional realizada. Mas como acontece com muitas pessoas, a vida me apresentou desafios que mudaram o rumo da minha trajetória.

Ainda jovem, quando estava concluindo o primeiro ano do Ensino Médio, precisei abandonar meus estudos para trabalhar. A responsabilidade chegou cedo, entendendo que era necessário ajudar em casa devido às nossas condições financeiras. Não foi uma decisão fácil, mas foi o que a vida me exigiu naquele momento.

Com o passar do tempo, o amor cruzou meu caminho. Casei-me, aos 22 anos, com um homem abençoado por Deus, trabalhador, fiel e compreensivo, que se tornou meu apoio em todas as etapas da vida. Nossa união foi construída com base na fé, no respeito, no carinho e no companheirismo.

Logo vieram nossos filhos. Cada um deles trouxe novas responsabilidades, alegrias e aprendizados. Ser mãe foi e continua sendo a

maior benção na minha vida, pedindo-me dedicação de corpo e alma ao meu lar e à minha família.

O tempo passou muito rápido. E, entre as tarefas da casa, o cuidado com os filhos e as obrigações do dia a dia, o meu sonho de voltar a estudar foi sendo adiado. Muitas vezes pensei que não haveria mais tempo para isso; que a oportunidade já tinha ficado para trás. Mas no fundo, algo dentro de mim nunca deixou de acreditar que esse sonho se tornaria realidade em algum momento. Mesmo sem tempo e com tantos papéis para cumprir, esse desejo permanecia vivo com o apoio do esposo e dos filhos. Tudo o que vivi me fez mais forte, mais madura e mais determinada.

Com o incentivo deles, decidi dar um passo de coragem, fiz o vestibular. Confesso que, no início, achei que não iria conseguir passar. Bateu o medo, uma forte insegurança, pensando que seria tarde demais. Com fé e determinação, confiei em Deus. E Ele me presenteou com uma nova oportunidade trazendo um grande desafio para reescrever minha história.

Hoje, pela infinita misericórdia de Deus, estou cursando o segundo ciclo do curso de Gestão de Recursos Humanos. Cada aula é uma descoberta, um aprendizado, uma vitória. Sei que tenho muito caminho pela frente, mas agora com esperança de realizar esse tão esperado sonho.

Deixo minha sincera gratidão a Deus, a minha amada família que sempre se faz presente, nos momentos mais necessários e que me permite a ausência compreendida pela necessidade de estar nos estudos, buscando por mim e por eles o conhecimento em minha formação profissional.

Sou grata, também, aos docentes que têm feito parte dessa jornada. Cada gesto de amor, de carinho e de incentivo faz toda a diferença dentro de uma sala de aula, ao transmitirem seus conhecimentos transbordando vida em palavras.

Hoje, ao contemplar a minha vida, aos olhos de Deus, penso que não é tarde, é o momento certo para cada coisa. Trago, então, comigo, a citação de

Augusto Cury, “mesmo que a vida imponha pausas e obstáculos, jamais permita que apaguem seus sonhos!”. Eu ainda sonho!

UM GAROTO SONHADOR

Juliano Alves



Estudante de Gestão de Recursos Humanos na Fatec Franca, 40 anos, waiter na empresa Outback Steakhouse.

Minha história começa traduzindo perfeitamente o que sou hoje. Um garoto com apenas 5 anos que ficou doente e, mesmo com a preocupação de uma mãe, não conseguia resolver esse problema, nem os médicos com todos os recursos possíveis naquela época em 1990.

Mas tudo passou, quando minha mãe conseguiu uma vaga no chamado prezinho onde só podia se matricular com 6 anos. Aquele garoto, então, começou sua vida na escola, saudável, feliz e comprometido desde cedo. O motivo da doença era a vontade de estudar.

Os anos foram se passando e o garoto se tornou menino com a mesma intensidade. Chegou ao ensino médio na simplicidade que às vezes traduzia em vergonha por chegar, todos os dias, na garupa da bicicleta *monark* vermelha do meu pai. Quando todos os colegas chegavam de carro, e meu pai fazia questão de me deixar no portão de entrada com o maior orgulho de seu filho.

Com 14 anos comecei a vida profissional no supermercado, onde precisei de autorização judicial para trabalhar, pois naquela época, só era permitido aos 16 anos.

Passaram-se os anos e começaram os relacionamentos que me

proporcionaram experiências que me fizeram me tornar um homem mais maduro. Com 27 anos consegui comprar minha casa que é uma conquista da qual me orgulho muito e, a cada dia, sou grato por isso.

Mas chegou um momento que mais marcou a minha vida e que vou contar nas próximas linhas.

Em 2021, naquele ano difícil que todos nós vivemos que foi a *covid 19*, eu vivi outras coisas também que jamais irei me esquecer. Um relacionamento de 7 anos que terminava e me despedia de uma mulher incrível com suas duas filhas, Maria Clara e Lívia. Imagine o coração de um cara que era apaixonado por elas mas o inesperado ainda estava por vir no pior e mais crucial momento. Minha mãe precisava de atendimento no hospital e, me lembro até hoje de meu irmão me ligando e dizendo: - *Ju, venha aqui, pois a mãe não está bem!* Foram 4 dias no hospital ao lado da pessoa que mais me amou no mundo e, mesmo sem imaginar no que poderia acontecer com ela, algo que jamais esperava aconteceu. Minha irmã me liga para me dar uma notícia triste quando estava ali ao lado da minha mãe sem imaginar que a perderia naquele momento. Uma ligação que já dizia que a tristeza seria muito grande: - *Ju, meu exame deu positivo estou com câncer de mama.*

Momentos mais difíceis da minha vida, terminar um relacionamento de anos, perder minha mãe e ter a notícia que, naquele instante, minha irmã iria passar um longo e doloroso para se curar completamente da doença. Mas com muita determinação e foco na vida, hoje posso dizer que tudo me fez mais forte e ainda com mais vontade de viver. Busquei caminhos que me ajudariam a ser sempre um homem íntegro e com atitudes e valores nobres.

Hoje, posso dizer com toda alegria e certeza que minha irmã está linda e saudável, estou trabalhando em uma empresa que amo e sinto orgulho em dizer que faço parte da equipe *Outback Steakhouse*.

Um ano todo de luta, mas hoje com foco total em mim, no trabalho, na vida pessoal e, principalmente, na oportunidade que tive de estar na faculdade

Fatec Franca com muito orgulho e saber que meu esforço e dedicação têm dado

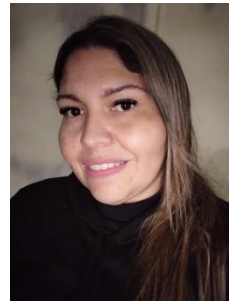
resultados positivos. Conseguir ingressar na faculdade foi uma das coisas mais especiais da minha vida. Não está sendo fácil, pois hoje não tenho condução própria e vou do trabalho à faculdade todos os dias caminhando, mas com a mesma vontade e determinação que sempre me ajudam a superar tudo na minha vida.

Aprendi que jamais devemos desistir de viver a vida e devemos aproveitar as oportunidades mesmo se um dia passarmos por momentos tristes. E hoje, só me orgulho das atitudes que tive que me fizeram voar mais alto para um mundo de conhecimentos que jamais imaginava viver com todos os ensinamentos de cada professor e professora que só tenho a agradecer.

Todos nós somos capazes de viver novas histórias.

COM FÉ E CORAGEM

Kaliana Kelly Castro de Melo



Sou estudante de Gestão de Recursos Humanos na FATEC Franca. Tenho experiência profissional em seguros e vivência em diferentes áreas, sempre buscando evolução pessoal e profissional. Atualmente, dedico-me aos estudos e ao desenvolvimento de competências voltadas para a valorização das pessoas nas organizações.

Nasci em Franca, São Paulo, no ano de 1988, em uma família humilde, mas muito unida. Sou gêmea do meu irmão Claydson e tenho também um irmão mais velho, fruto do primeiro casamento da minha mãe. Crescemos em um lar onde o amor sempre prevaleceu e onde Deus foi, e continua sendo, nosso alicerce.

Minha infância foi marcada por momentos felizes e simples. Brincava na rua com meus amigos e guardo na memória a piscina de plástico que ganhamos de nossa tia, onde passávamos tardes inteiras nos divertindo. Aos nove anos, meus pais se separaram, e passei a dividir meus dias entre a casa da minha mãe e a do meu pai. Confesso que gostava mais de estar com meu pai, pois era lá que estavam meus amigos e minhas brincadeiras.

Com 13 anos, comecei a trabalhar em uma banca de pesponto, onde

aprendi minha primeira profissão. Foi uma experiência que me trouxe responsabilidade, mas também me mostrou como a falta de informação pode nos prejudicar. Por não entender meus direitos, perdi dinheiro e oportunidades. Esse período despertou em mim o interesse pela área de Gestão de Recursos Humanos, pois percebi a importância de conhecer e valorizar os direitos dos trabalhadores.

Aos 21 anos, engravidei e tive minha filha Yasmin, fruto de um relacionamento abusivo e agressivo. Nesse momento, precisei deixar meus sonhos de lado, já que ele não aceitava minhas escolhas. Depois de muita luta, consegui me libertar dessa relação, mesmo traumatizada e com uma bebê de apenas dois anos nos braços.

Seis meses depois, conheci meu atual marido, Fernando. Foi com ele que reencontrei a vontade de viver e a certeza de que minha vida poderia ser diferente. Ele sempre me apoiou e me incentivou a correr atrás dos meus sonhos. Com seu apoio, decidi cuidar de mim: fiz uma cirurgia bariátrica, emagreci 60 quilos e realizei uma abdominoplastia. Essa transformação me deu forças para acreditar novamente em mim mesma.

Com mais confiança, prestei o vestibular da FATEC e fui aprovada no curso de Gestão de Recursos Humanos. Hoje, sigo nessa jornada que não é fácil, mas é muito significativa. Minha rotina é intensa: saio de casa às 7h da manhã e só retorno às 22h45, depois de um dia exaustivo. Ainda assim, meu coração se enche de certeza de que estou dando o meu melhor para minha família e para meu futuro.

Atualmente, minha família é composta pelo meu marido Fernando, minha filha Yasmin e minha sobrinha Maria Clara, que veio morar conosco no início de 2025. Eu e meu marido estamos juntos há 13 anos, minha família auxilia para que eu consiga trabalhar e estudar. O apoio deles é fundamental para que eu continue firme nessa caminhada.

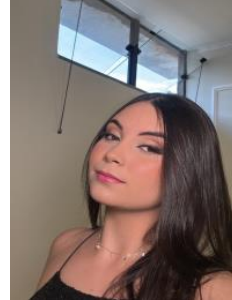
Sempre gostei de me comunicar e acredito que o curso de Gestão de

Recursos Humanos é perfeito para mim. Ele une minha paixão por pessoas com o desejo de construir ambientes de trabalho mais justos e acolhedores. Sei que a conclusão da faculdade vai me render bons frutos e abrir portas para novas oportunidades.

“Minha história prova que, com fé, coragem e apoio, é possível transformar dor em força e sonhos em realidade.”

HISTÓRIA DE VIDA: Storytelling pessoal

Kamilly Eduarda dos Reis Lopes



Kamilly Eduarda, nascida em 2006 na cidade de Franca, é uma jovem dedicada, curiosa e comprometida com seus objetivos. Atualmente cursa Gestão de Recursos Humanos, buscando constante crescimento pessoal e profissional.

Nasci no dia 20 de dezembro de 2006, na Santa Casa de Franca, interior do estado de São Paulo. Cresci e vivo até hoje na mesma cidade, cercada de carinho e afeto familiar. Sou a filha caçula da família. Antes do meu nascimento, minha mãe teve um filho que faleceu ainda bebê e uma filha que nasceu logo em seguida. Desde pequena, minha mãe costumava dizer que eu possuía um brilho especial no olhar – algo que refletia minha curiosidade e o desejo constante de aprender sobre a vida e o mundo ao meu redor. Minha infância foi uma das fases mais felizes e marcantes da minha trajetória. Fui criada ao lado da minha irmã, que sempre foi minha melhor amiga, e dos meus primos, que considero verdadeiros irmãos de coração. Morei com meus pais, minha avó e meu tio, e nossas tardes eram sempre cheias de alegria, brincadeiras e companheirismo. As brincadeiras simples, como pique-bandeira, carrinho na terra e boneca, marcaram minha infância e construíram memórias que levarei para sempre comigo. Iniciei minha vida escolar aos cinco anos de idade, na Escola Augusto Marques, onde cursei o Pré I e o Pré II. Com sete anos, entrei

na Escola Barão de Franca, onde permaneci até o quinto ano do ensino fundamental. Sempre fui uma aluna dedicada, curiosa e muito educada. Criei fortes laços de amizade com colegas e professores que contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e intelectual. Ao final do quinto ano, surgiu a oportunidade de escolher uma nova instituição de ensino, e após muita insistência, convenci minha mãe a me matricular na Escola David Carneiro Ewbank (CEDE), onde realizei o ensino fundamental II e o ensino médio. Essa escola teve um papel essencial na minha formação, pois foi lá que amadureci, construí amizades importantes e comecei a refletir com mais clareza sobre meu futuro profissional. Durante o último ano do ensino médio, representantes da FATEC estiveram na minha

escola para apresentar os cursos disponíveis. Naquele momento, confesso que fiquei insegura quanto à possibilidade de ingressar em uma faculdade, mas alguns dias depois recebi uma mensagem de uma professora da instituição informando que eu havia ganhado a inscrição para o vestibular. Foi então que decidi arriscar e participar do processo seletivo. Para minha surpresa e alegria, fui aprovada em quarto lugar no curso de Gestão de Recursos Humanos. No início da graduação, enfrentei alguns desafios de adaptação. Eu era uma das alunas mais novas da turma, o que gerou certo desconforto e insegurança. Além disso, precisei alterar meu período de estudos da manhã para a noite, em virtude do trabalho, o que dificultou minha rotina. Tive que aprender a conciliar as responsabilidades profissionais e acadêmicas, o que exigiu organização e disciplina. Ainda assim, mantive o foco e o comprometimento com o meu objetivo, fortalecendo minha resiliência e capacidade de superação. Atualmente, com 18 anos, estou finalizando o primeiro ano da faculdade e me sinto realizada por estar trilhando um caminho que representa um sonho conquistado. Compreendi, ao longo dessa jornada, que o verdadeiro sucesso não está apenas em alcançar grandes feitos, mas em persistir, acreditar e seguir em frente, mesmo diante das dificuldades. Meu

maior objetivo para o futuro é abrir minha própria empresa e atuar como gestora de recursos humanos, aplicando na prática tudo o que venho aprendendo ao longo da formação. Desejo construir um ambiente de trabalho acolhedor, ético e humano, que valorize o potencial de cada colaborador e promova o crescimento coletivo. Assim, percebo que a menina curiosa e sonhadora de Franca ainda habita em mim – agora mais madura, determinada e pronta para enfrentar novos desafios, sem nunca perder o brilho no olhar e a vontade de aprender que sempre me acompanharam.

O VALOR DE SER QUEM EU SOU

Kauã Rafael Moreira Souza



Kauã Rafael Moreira Souza, 18 anos, estudante do curso de Gestão de Recursos Humanos FATEC- Franca.

Meu nome é Kauã Rafael e, desde o meu nascimento, a vida me apresentou desafios que moldaram quem sou hoje. Nasci com uma condição chamada hipospadia, que me levou a passar por várias cirurgias ao longo da infância e juventude. Cada uma delas foi uma batalha, mas também uma prova de fé, coragem e amor da minha família, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos.

Cresci em um lar com quatro pessoas: meus pais e meu irmão, 3 anos mais novo que eu. Sempre fomos muito unidos e compartilhamos muitas brincadeiras e risadas. Lembro-me bem da minha coleção de carrinhos Hot Wheels, que era o meu tesouro de criança. Também guardo com carinho as memórias das viagens em família, especialmente para Ubatã e Rio Quente, lugares onde eu me sentia livre, em contato com a natureza e em paz com Deus. Foi lá que aprendi a planar pedras no rio, algo simples, mas que me conectava profundamente com o mundo ao meu redor.

Desde pequeno, também carrego o sonho de salvar vidas. Lembro-me de ouvir histórias dos meus primos que trabalham nessa área, e isso despertou em mim o desejo de ser bombeiro. Aos 12 anos, visitei pela primeira vez um

batalhão de bombeiros, tendo a oportunidade de andar em vários veículos, inclusive um caminhão, e conheci alguns equipamentos de salvamento. Foi um dia inesquecível, que fortaleceu ainda mais esse sonho.

Durante minha vida escolar, passei por várias escolas: Colégio Villa Lobos, Adventista, Copérnico, Francano, Sesi e Senai. Cada uma delas marcou uma fase importante do meu aprendizado e do meu crescimento pessoal. Em 2020, fiz um estágio na Coca-Cola Andina, uma experiência que me ensinou responsabilidade e trabalho em equipe. Mesmo com o término antecipado por causa do novo modelo do ensino médio, aprendi muito sobre o ambiente profissional.

Em 2023, concluí o ensino médio integrado com o Sesi e o Senai, celebrando a formatura com minha família e amigos um momento de pura alegria e conquista. Nesse mesmo ano, entrei para o grupo de escoteiros Franca Imperador, onde vivi experiências incríveis ao ar livre, aprendi técnicas de sobrevivência e fiz grandes amizades. Sempre gostei da natureza, e estar ali era sentir-me em casa.

Enquanto o sonho de ser bombeiro me acompanha desde a infância, descobri também uma paixão por fotografia e edição de vídeos. Adoro registrar momentos, expressar emoções por meio das imagens e criar formas de enxergar o mundo. Por isso, embora hoje eu curse Gestão de Recursos Humanos na Fatec onde gosto muito das aulas e da convivência com meus colegas e professores sinto que minha verdadeira vocação está na arte de contar histórias através de imagens, talvez em Design Gráfico ou Fotografia.

Este ano, uma peça importante da minha história se encaixou. No mês de junho de 2025, descobri que sou autista de grau leve. Essa revelação me trouxe um grande entendimento sobre mim e me fez compreender sobre o “tics” que eu tenho desde os três anos de idade. Em novembro de 2025, assisti a uma palestra de um jovem autista músico, que falou sobre superação e aceitação. Suas palavras abriram minha mente e me mostraram que o autismo

não me limita, mas me torna único e capaz de enxergar o mundo de uma forma diferente e especial.

Hoje, aos 18 anos, sigo construindo minha história com fé, gratidão e determinação. Cada desafio que enfrentei me tornou mais forte e me ensinou a valorizar as pequenas vitórias. Acredito que cada pessoa tem um propósito, e o meu é inspirar outras pessoas a nunca desistirem, independentemente das dificuldades que enfrentem.

CAMINHOS QUE ME MOLDARAM: da infância à Fatec Franca, uma trajetória guiada por pessoas, desafios e evolução

Kayke Henrique Silva



Profissional em desenvolvimento que valoriza comunicação, aprendizado contínuo e relações humanas. Minha trajetória combina experiências pessoais marcantes, trabalho no Magalu e paixão por compreender pessoas. Hoje construo minha formação em Gestão de Recursos Humanos na FATEC Franca com dedicação e propósito.

Nascido em 06 de janeiro de 2006, meu nome é Kayke Henrique Silva e sempre fui alguém adaptável, comunicativo e atento aos momentos simples da vida. Desde muito cedo enfrentei desafios e provações que ajudaram a moldar quem sou hoje. Quando olho para trás, percebo como fui sortudo por ter vivido a trajetória que vivi, porque mesmo nos períodos mais difíceis nunca estive sozinho. Em todos os momentos complexos encontrei o apoio da minha família, dos meus amigos e da minha namorada, que caminharam comigo e me deram força para seguir.

Na infância eu morava com meus pais, meu avô e meu irmão mais velho e minha rotina era marcada por tardes leves depois da escola, quando eu ia brincar na rua com meu amigo Guilherme. Com o tempo, acabamos perdendo contato, mas guardo com carinho as lembranças daquela amizade, porque

juntos aproveitamos longas tardes que ainda considero a melhor época da vida. Foi nesse período que enfrentei minha primeira grande perda, quando meu querido avô faleceu e me deixou um vazio enorme. Ele era um homem simples, mas muito especial sempre presente quando meus pais estavam ocupados. Passávamos várias noites assistindo à desenhos e nos divertindo e, por isso, sua partida foi um verdadeiro baque para uma criança que via em alguém uma figura de amor e segurança.

Depois da partida do meu avô precisávamos nos mudar, já que a casa onde vivíamos era sua. Fomos para um novo lar e, até hoje, meu irmão continua morando lá, o que me faz sentir ainda mais gratidão por ter vivido parte importante da minha trajetória naquele espaço. Entre meus oito e dez anos, tive contato com coisas que carrego comigo até hoje. Foi quando ganhei meu primeiro videogame, um Xbox 360, que se tornou meu companheiro diário. Eu o amava e passava horas jogando, sem imaginar que naquele momento nascia em mim uma paixão que nunca se apagaria. Ainda guardo o console, mesmo sem funcionar, porque marca o início do meu amor pelos jogos. Nessa mesma fase, meu irmão me apresentou aos animes e aos mundos fantásticos das obras japonesas, como Dragon Ball, Pokémon e Digimon, que rapidamente se tornaram parte da minha vida e influenciaram muito do que gosto até hoje.

Algum tempo depois, em 2016, meu irmão se casou e esse momento foi marcante para mim. Sempre tive muito carinho por ele e o enxergava como um exemplo, então sua saída de casa trouxe um sentimento de mudança que demorei um pouco para entender. Com o casamento dele, meus pais e eu passamos a morar sozinhos, o que significou mais uma mudança de lar. Viemos para a casa onde moro até hoje, um lugar que se tornou cenário de grande parte da minha vida e onde acumulei inúmeras histórias que contribuíram para quem sou.

Embora ainda não tenha mencionado, também tenho uma irmã que sempre esteve presente na minha vida. Ela se casou antes do meu nascimento,

então nunca chegamos a morar na mesma casa. Mesmo assim, sempre mantivemos uma relação forte e carinhosa. Com apenas um ano de vida eu já recebia os meus dois primeiros sobrinhos, Lipe e Bia, que cresceram ao meu lado e se tornaram parte essencial da minha história. Eles sempre tiveram um espaço especial no meu coração e continuam tendo até hoje. Com o tempo a família aumentou e ganhei mais cinco sobrinhos, todos igualmente importantes para mim. Não consigo imaginar minha vida sem a presença dessas crianças cheias de energia, que sempre trouxeram alegria ao meu caminho.

Seguindo minha jornada, chegamos ao ano de 2020, marcado pela pandemia e pela chegada do coronavírus. A quarentena, apesar de difícil para o mundo, foi um período relativamente tranquilo para mim. Senti falta de visitar meus irmãos e de sair, mas a vida dentro do meu quarto acabou me aproximando de pessoas que se tornaram grandes amigas. Um pouco antes de toda aquela loucura ganhar força recebi meu primeiro computador e me faltam palavras para explicar o quanto aquele presente se tornou parte de quem sou. Foi durante esse período que comecei a explorar vários jogos e descobri o League of Legends, que me acompanhou em incontáveis noites de diversão. Nunca joguei sozinho, sempre tive ao meu lado meus melhores amigos até hoje, Brunno, Cassiano, Marquinhos e muitos outros que passaram por nossas ligações e sessões de jogo. Devo a eles inúmeras risadas, conversas e noites mal dormidas que guardo com carinho. Ainda jogamos juntos e, se pudesse, voltaria naquele tempo apenas para reviver a época de ouro da nossa amizade.

Quando cheguei ao Ensino Médio iniciou-se mais uma fase importante da minha vida, um período em que continuei a me descobrir e entender em quem eu estava me tornando. Porém nada marcou tanto quanto conhecer uma menina muito especial, Millene, que hoje é minha namorada e uma das pessoas que mais amo. Compartilhar meus dias com ela se tornou algo natural e cheio de significado, porque sempre estive ao meu lado, apoiando minhas escolhas e respeitando cada passo da minha caminhada. Sinto uma gratidão imensa por

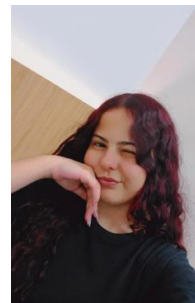
tudo o que ela representa e, muitas vezes, me faltam palavras para expressar o quanto sou feliz por tê-la comigo.

Cheguei então aos meus dezoito anos, período em que concluí a escola e comecei a trabalhar no Magalu, onde estou até hoje e onde descobri que realmente amo o que faço. Cheguei a iniciar a FDF (Faculdade de Direito de Franca), porém logo percebi que aquele caminho não era o que eu desejava para mim. Tranquei o curso e fui buscar algo novo, até que a Fatec e o curso de Gestão de Recursos Humanos surgiram na minha vida. Desde o primeiro contato senti que esse era o meu lugar. Amo esse ambiente, as pessoas que encontrei e todo o conhecimento que venho construindo aqui. Esta fase tem sido tão especial que até me deu a oportunidade de revisitar toda a minha história e refletir sobre cada detalhe. Sou profundamente grato a todos os que caminharam comigo, me ensinaram, me apoiaram e me ajudaram a moldar quem sou hoje. Sigo feliz por tudo o que vivi e pelas portas que ainda estão se abrindo.

Minha vida sempre teve o cenário dos videogames, onde personagens percorrem fases com começo, meio e fim, enfrentam desafios e superam adversários. Cresci entendendo que cada etapa tem seu propósito e que todo obstáculo ensina algo. Isso me ajudou a enxergar a minha própria história como a jornada do player um, aquele que assume o controle e avança, fase após fase, para construir quem deseja ser.

ENTRE ARTE E RITMO DE VIDA

Laryssa Balduino



Sou estudante de Gestão de Recursos Humanos da Fatec Franca, apaixonada por arte, música, dança, pintura, desenhos e tudo o que me faz brilhar os olhos.

Por muito tempo, minha vida se desenrolou em um piloto automático silencioso, uma desconexão sutil que me fazia sentir como se estivesse apenas seguindo um roteiro. Embora o caminho profissional tenha me levado a Recursos Humanos – uma área que exige disciplina e organização, minha verdadeira essência reside no contraste entre essa estrutura e a liberdade da expressão.

O meu resgate, e o que realmente dita o ritmo da minha vida, é a Arte e a Cultura Pop. Gosto de me perder na música e na dança, que me lembram que o corpo não foi feito para ficar parado. A tela, seja ela de um papel para desenhos ou de um console para jogos e séries, é o meu refúgio e laboratório. É onde busco narrativas complexas e dou forma ao que as palavras falham em dizer.

Minha história não é definida por uma grande filosofia, mas sim pela busca constante. A arte é a minha ferramenta para quebrar o ciclo, para colorir ativamente o meu dia e me guiar de volta à escolha de viver como protagonista, e não como coadjuvante.

DE SONHOS À CONQUISTAS: o caminho até o RH

Lívia Faria Lopes



Lívia, 21 anos, atua na área comercial e está em formação em Gestão de Recursos Humanos pela FATEC Franca, com grande interesse no desenvolvimento de pessoas e no comportamento organizacional.

Desde pequena, sempre fui curiosa e observadora. Nasci em 19 de agosto de 2004, na Santa Casa de Franca, e minha infância foi marcada por muitas mudanças, aprendizados e experiências que moldaram minha forma de ver o mundo. Vivi parte da minha infância no bairro Santa Helena, depois no Simões, junto com meus pais e minha irmã mais velha, Victória. Ainda pequena, precisei lidar com a separação dos meus pais, um momento difícil, mas que me ensinou sobre resiliência e amadurecimento. Ao longo dos anos, estudei em várias escolas, cada uma com seu papel na minha formação. Concluí o ensino fundamental 1 na Escola Pestalozzi e, mais tarde, cursei o fundamental e o ensino médio em diferentes instituições, passando pelo Ana Maria Junqueira, Oddete Bueno e finalizando meus estudos no CEDE. Foi durante essa fase que desenvolvi minha responsabilidade e determinação, especialmente quando comecei a trabalhar como babá para ajudar em casa. Meu primeiro emprego registrado foi em um escritório de contabilidade, como auxiliar fiscal. Essa experiência me proporcionou uma base sólida no ambiente corporativo. Em

seguida, trabalhei no SAC do Magazine Luiza, onde aprendi muito sobre empatia, comunicação e atendimento ao público. Apesar dos desafios de saúde que enfrentei nesse período, saí dessa experiência mais forte e consciente da importância de cuidar do equilíbrio entre vida pessoal e profissional. Mais tarde, atuei em um escritório de uma fábrica de painéis e, posteriormente, em um e-commerce de calçados. Foi nesse último emprego que descobri minha paixão por Recursos Humanos. Ao assumir responsabilidades como recrutamento e seleção, controle de ponto e processos de admissão e demissão, percebi o quanto me identificava com a área de gestão de pessoas. Uma palestra de liderança ministrada pelo professor Daltro me inspirou a dar o próximo passo: me inscrever para o vestibular da FATEC Franca. Mesmo sem grandes expectativas, fui aprovada, e aquele momento marcou uma nova fase da minha vida. Atualmente, trabalho como auxiliar comercial em uma fábrica de acrílico e continuo em constante aprendizado, tanto profissional quanto pessoalmente. Tenho orgulho do caminho que percorri até aqui. Cada obstáculo, mudança e conquista contribuíram para que eu me tornasse quem sou hoje: uma jovem determinada, empática e apaixonada por entender pessoas e ajudá-las a crescer dentro das organizações. Meu objetivo é continuar evoluindo na área de Recursos Humanos, construindo uma trajetória baseada em propósito, dedicação e amor pelo que faço. Acredito que histórias, assim como pessoas, são feitas de etapas, e cada uma delas tem o poder de nos transformar.

TRANSFORMANDO EXPERIÊNCIA EM FUTURO: minha chegada à Fatec Franca

Lorraine Michele Silva



Lorraine Michelle Silva é terapeuta emocional, com três anos de atuação, e empreendedora. Possui experiência em gestão comercial e desenvolvimento humano. Atualmente cursa Gestão de Recursos Humanos na Fatec Franca.

Nasci e cresci em Franca, interior de São Paulo, em uma família cheia de amor. Somos quatro filhos, dois homens e duas mulheres, sendo os dois homens por parte de pai. Nossa infância foi regada de carinho, brincadeiras e muitas celebrações, pois meus pais sempre incentivaram a magia da infância – Papai Noel, coelhinho da Páscoa, aniversários preparados em família, em que nós mesmos fazíamos a decoração e a comida. Cresci cercada de primos e amigos, e cada momento era vivido com intensidade.

Quando chegou a hora de ir para a escola, fiquei radiante, pois queria aprender a ler e a mergulhar no mundo das palavras. Fui uma aluna mediana, mas sempre dedicada e engajada nos trabalhos. Na adolescência, vieram os primeiros paqueras e namoros e, também, lembranças especiais da infância, como o Natal em que ganhei uma maquininha de costura para criar roupas para minhas Barbies. Ali nascia meu gosto por trabalhos manuais e criatividade.

Aos 16 anos, tive meu primeiro emprego formal como recepcionista na fábrica de calçados do meu padrinho, onde permaneci por seis anos e aprendi muito. Antes disso, já cuidava do meu priminho de dois anos, trocando fraldas, dando comida e levando-o à escola. Essas experiências me ensinaram responsabilidade e cuidado. Também me lembro, com carinho, da “Feirinha das Amigas”, uma brincadeira que despertou em mim o espírito empreendedor. Mais tarde, esse talento se transformou em realidade: tive uma loja de calçados por três anos e um ateliê de costura criativa por sete anos.

Eu me casei aos 24 anos, após mais de sete anos de namoro. Fomos sócios na loja de calçados, mas por falta de maturidade e conhecimento, o negócio não deu certo e acumulamos uma dívida enorme. Foi um período difícil, especialmente no início do casamento, mas conseguimos superar juntos e reconstruir a nossa vida. Aos 27 anos, decidimos ter um filho. Aos 29, engravidei pela primeira vez, em meio à alegria de termos conquistado nossa primeira casa. Porém, com 14 semanas, perdi o bebê. Foi um momento de dor e revolta, mas também de aprendizado e superação. A costura voltou a ser meu refúgio e, logo depois, fundei, com uma amiga, a Lood Costura Criativa que me trouxe muita satisfação.

Em 2020, diante das dificuldades para engravidar, iniciamos o processo de adoção. Durante esse período, descobri uma nova gestação, mas outra vez, perdi o bebê com nove semanas. Outras duas tentativas também não foram adiante. Apesar das perdas, mantive minha fé e hoje carrego paz no coração, aguardando com esperança a chegada da nossa menina do coração.

Minha trajetória acadêmica também teve altos e baixos. Iniciei duas faculdades – Educação Artística e Artes Plásticas e, posteriormente, Nutrição – mas não concluí nenhuma delas, sendo que da segunda me arrependo bastante. Foi nesse momento que busquei ajuda e iniciei a terapia, mergulhando no autoconhecimento. Esse processo me transformou profundamente. Seis meses depois, entrei em uma formação para terapeutas

com a profissional que me acompanhava e já estou nessa caminhada há três anos, realizando cursos e especializações. Pensei em seguir Psicologia, mas percebi que não me identificava com atendimentos clínicos de casos mais graves. Conversando com um professor, recebi a orientação de direcionar minha energia para a área organizacional, onde meu perfil se encaixaria melhor.

Em 2024, vi, no status de uma conhecida, a propaganda da Fatec Franca para o curso de Gestão de Recursos Humanos. Entrei no site, me dei conta que as inscrições estavam abertas e decidi me inscrever, mesmo com medo de não passar. Mais uma vez, Deus me mostrou que estava no caminho certo: fui aprovada. Hoje, em 2025, aos 39 anos, estou cursando RH na Fatec Franca, com entusiasmo e propósito. Cada etapa da minha vida – os desafios, as perdas, os empreendimentos e o reencontro comigo mesma – me conduziram até aqui.

A formação em Gestão de Recursos Humanos representa não apenas uma conquista acadêmica, mas a consolidação de um propósito: unir técnica e sensibilidade para valorizar pessoas dentro das organizações.

Assim como aguardo com serenidade a chegada da maternidade, também vivo a expectativa de consolidar a minha trajetória profissional. Hoje estou à espera, mas, agora, com data prevista para a mudança de minha caminhada, tanto na vida pessoal quanto na profissional. Estou pronta, mais consciente e certa de que este é o momento.

Como disse Santa Teresa d'Ávila: “Nada te perturbe, nada te espante, tudo passa, Deus não muda. A paciência tudo alcança; quem a Deus tem, nada lhe falta. Só Deus basta”.

ENTRE PESSOAS E PROPÓSITOS

Luana Andrioli Rodrigues



Estudante de Gestão de Recursos Humanos na Fatec, apaixonada por desenvolvimento pessoal e profissional. Atuo no Departamento Pessoal do Magazine Luiza desde 2023, buscando constante aprimoramento na área de gestão de pessoas.

Meu nome é Luana, tenho 24 anos, sou esposa do Derek, filha da Marta e do Emmanuel, e irmã do Guilherme, Natália, Tiago e Emanuely. Sou a filha do meio, o que me ensinou desde cedo a equilibrar o amor, o cuidado e a empatia entre os extremos da família. Tenho duas cachorrinha chamada Maya e Jade, que enche nossos dias de alegria e amor.

Sou uma pessoa tranquila, simpática e observadora. Tenho poucas amizades, mas todas sinceras e duradouras. Acredito que a qualidade das relações é mais importante que a quantidade. Valorizo os momentos simples da vida, o convívio familiar e as conversas cheias de afeto, principalmente aquelas na varanda da casa do meu avô, em Peixoto, onde as histórias e as lembranças se tornam eternas.

Minha infância foi feliz e cheia de aprendizados. Cresci vendo meus pais trabalharem com dignidade e esforço. Meu pai, Emmanuel, sempre foi minha maior referência de bondade, garra e companheirismo. Minha mãe, Marta, me

ensinou o valor do amor, do cuidado e da dedicação. Ambos me mostraram que a base de tudo é a família e que a união vence qualquer dificuldade.

Passei por diferentes fases profissionais e acadêmicas. Fui uma boa aluna, dedicada e reconhecida pelos professores. Após o ensino médio, iniciei alguns cursos, Biomedicina, Engenharia de Agrimensura e Cartográfica mas, em momentos distintos, precisei interrompê-los por motivos pessoais e familiares. Essas pausas me fizeram refletir sobre meu propósito e me mostraram que ainda não havia me encontrado.

A perda da minha avó materna, Maria Helena, em 2023, foi um dos momentos mais marcantes da minha vida. Ela foi minha madrinha e um grande exemplo de fé e amor. Cuidar dela até o fim me fez entender o verdadeiro significado de empatia, paciência e humanidade.

Minha trajetória profissional começou em uma loja de conveniência, onde aprendi muito sobre responsabilidade e resiliência. Depois, conquistei uma oportunidade no Magazine Luiza, onde atualmente trabalho no Departamento Pessoal. Essa experiência me aproximou do universo da gestão de pessoas e foi aí que eu finalmente me encontrei.

Foi no contato com os colegas, na rotina de aprendizado constante e na troca de experiências humanas e profissionais, que percebi o quanto eu me identificava com a área de Gestão de Recursos Humanos. Entendi que meu propósito está em cuidar de pessoas, desenvolver talentos e contribuir para que o ambiente de trabalho seja um espaço de crescimento e valorização humana.

Por isso, ingressar na Fatec no curso de Gestão de Recursos Humanos foi uma das decisões mais acertadas da minha vida. Aqui, me encontrei de verdade. Cada disciplina, cada conversa e cada projeto reforçam em mim a certeza de que escolhi o caminho certo. Descobri uma paixão genuína por compreender as pessoas, suas motivações e desafios e por contribuir para o desenvolvimento delas dentro das organizações.

A faculdade me proporcionou autoconhecimento, maturidade e uma

nova visão de mundo. Hoje, entendo que ser um bom profissional vai além da técnica: envolve empatia, comunicação, ética e propósito.

Minha jornada até aqui é marcada por fé, esforço e amor. Enfrentei perdas, mudei de rumos, mas nunca deixei de acreditar que tudo tem um motivo e um tempo certo. E foi esse tempo que me trouxe até onde estou: uma mulher confiante, realizada e em busca constante de evolução pessoal, profissional e emocional.

Quero ser lembrada como alguém que viveu com fé, que valorizou a família, que cultivou boas relações e que buscou fazer o bem onde passou.

“O silêncio é uma fonte de grande força” – Lao Tzu

Essa frase me representa, pois acredito que o verdadeiro crescimento acontece no equilíbrio entre ouvir, sentir e agir com sabedoria.

CONSTRUINDO CAMINHOS: a história que me levou à Gestão de Pessoas

Maria Claudia Lopes Oliveira



Maria Claudia, estudante de Gestão de Recursos Humanos na FATEC Franca. Técnica em Administração, com experiência em rotinas organizacionais. Apaixonada por desenvolvimento humano e pelo universo empresarial.

Nasci em São Paulo, no dia 22 de julho de 2006. Desde a infância, sempre fui uma pessoa criativa e observadora, com uma percepção bastante aguçada sobre o mundo ao meu redor. Durante a minha trajetória, vivi muitos sonhos e interesses e, assim como toda criança, já pensei em ser Bióloga Marinha, Médica, Modelo, entre muitas outras carreiras. Porém, em diferentes momentos, me encantava observar tanto como as pessoas se comportavam quando trabalhavam em equipe quanto quando realizavam tarefas sozinhas. Essa curiosidade natural, aliada ao meu gosto pela organização, sempre fez parte de quem eu sou.

Ao chegar ao ensino médio, tive a oportunidade de cursar o técnico em Administração integrado ao ensino regular. Nesse período, eu também vivia uma fase intensa como atleta e, por isso, por um tempo, achei que meu futuro estaria ligado ao esporte. Pensava em cursar Educação Física ou Fisioterapia.

Neste momento o esporte teve um papel essencial na minha formação.

Ser atleta me ensinou a ser resiliente, paciente, disciplinada, focada e persistente. Aprendi que cada conquista exige esforço e dedicação e que essa junção é fundamental para alcançar grandes resultados.

No entanto, ao longo dos três anos do curso técnico, descobri um grande interesse pelo universo administrativo e organizacional. A cada disciplina, percebia o quanto me identificava com as atividades e conteúdos. Entre as matérias que mais me marcaram estão: Custos, Rotina Administrativa, Departamento Pessoal e Recursos Humanos.

Esse foi um momento decisivo, pois além de continuar envolvida com o esporte, comecei a conhecer de perto o universo administrativo, me vendo dividida entre as minhas duas paixões. Entretanto, ao longo do último ano de curso, me encontrei em um caminho, o que unia razão, estratégia e sensibilidade. Percebi que a área de RH é o coração das organizações, pois lida diretamente com as pessoas, o que há de mais importante em qualquer empresa, concluindo, então, que era exatamente isso que eu queria fazer: trabalhar com pessoas, entender seus potenciais, ajudar a desenvolver talentos e contribuir para o crescimento dentro das empresas. A partir desse momento, decidi prestar o vestibular para Gestão de Recursos Humanos.

Em janeiro de 2025, recebi a notícia de que havia sido aprovada, e em fevereiro iniciei o curso de Gestão de Recursos Humanos na FATEC Franca. Esse foi um marco importante na minha trajetória, pois representou a decisão de seguir a linha administrativa e investir em um caminho que une minhas habilidades e meus interesses.

Hoje, meu objetivo é me tornar uma profissional que inspira e ajuda outras pessoas a descobrirem seus talentos e a desenvolverem suas habilidades. Quero unir uma boa organização com grandes propósitos, contribuindo para ambientes de trabalho mais humanos, produtivos e acolhedores.

Pretendo seguir me especializando, realizando uma pós-graduação em

Psicologia Organizacional e um MBA em Gestão Estratégica de Pessoas – Desenvolvimento Humano de Gestores. Sei que esse é apenas o começo da minha caminhada, mas acredito que o curso que escolhi é o início de uma carreira sólida e significativa.

Para Ronald Reagan, “o maior líder não é necessariamente aquele que faz as maiores coisas, mas é aquele que faz com que as pessoas façam coisas grandiosas”. Essas idéias refletem exatamente o que penso sobre o papel de um bom profissional e líder.

Essa é a minha história até aqui – uma trajetória feita de descobertas, escolhas entre o esporte e a gestão de pessoas e um amor genuíno por aquilo que faço e quero continuar aprendendo todos os dias.

ROTINA, PERDAS E SONHOS: a busca de paz na natureza

Michael Douglas Coelho Cintra



Estudante de Gestão de Recursos Humanos na Fatec Franca. Atuante no setor varejista. Interessado em logística e desenvolvimento profissional. Busca crescimento acadêmico e estabilidade futura.

Eu sou Michael Douglas Coelho Cintra, tenho 19 anos. Nasci em 2006, em um dia marcado pela Copa do Mundo e por uma chuva de terra. O que realmente me define é a rotina monótona, que se tornou minha estratégia de manter tudo sob controle.

Sou um dos cinco filhos: três irmãs e um irmão. Minha vida familiar é complexa. Moro com minha mãe e meu irmão, que trabalha na prefeitura. A situação em casa se complica porque minha irmã mais velha não consegue manter um emprego por mais de três meses, gerando preocupação constante. Minha segunda irmã se casou este ano. Eu visito meu pai nos finais de semana, mas não tenho proximidade com minha irmã por parte dele.

Essa estrutura familiar já foi abalada antes, pois em 2017, meus pais se separaram após uma traição. Em 2024, enfrentei um dos momentos mais dolorosos da minha vida ao descobrir que minha mãe tem leucemia crônica.

Perdi minha avó durante a quarentena e também vários animais de estimação ao longo da vida. Minha tia-avó faleceu recentemente devido a problemas cardíacos e meu tio favorito morreu em decorrência de cirrose.

Por isso, adotei o distanciamento como forma de proteção emocional: não vou a velórios, pois prefiro lembrar das pessoas vivas e felizes. Também evito me apegar a novos animais e pessoas.

O isolamento da quarentena intensificou minhas dificuldades de comunicação e de manter contato. Por isso, minhas amizades – em sua maioria vindas da infância – prefiro que sejam de baixa manutenção.

Nesse cenário, a rotina de trabalho e estudo se torna meu refúgio e minha obrigação. Eu me levanto, às 6h50 para trabalhar no supermercado Maiszena, volto às 17h e, como moro em Nuporanga, viajo para a Fatec Franca às 17h30, retornando apenas perto da meia-noite.

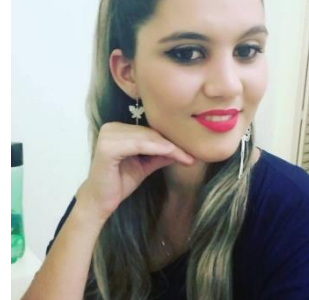
Busco o diploma em Gestão de Recursos Humanos. Eu poderia ter cursado Química na USP, mas escolhi GRH tentando fugir da matemática – que, ao lado do desafio de falar em público, são meus maiores obstáculos. A escolha não foi o que eu esperava e, hoje, luto contra o cansaço e contra os números.

Sigo em frente, não por ambição, mas porque tenho um plano: quero me formar, cursar Logística – meu verdadeiro sonho – e conquistar estabilidade suficiente para comprar minha moto de trilha.

Encaro essa rotina intensa e a carga emocional pesada porque busco um momento de paz. Nas minhas folgas e férias, quero ir para a natureza, sentir liberdade no mato e me desconectar do mundo por instantes. É por essa pausa que dedico toda a minha disciplina.

DE VOLTA AOS ESTUDOS, DE VOLTA A MIM

Michele Gomes dos Santos



Michele Gomes dos Santos, 32 anos, estudante de gestão de recursos humano, esposa, mãe de dois filhos e apaixonada pela educação.

Sou Michele, nasci no dia 05 de maio de 1994 em Franca, São Paulo, em um dos piores invernos que minha família se lembra, pois foi no ano onde caiu uma das piores geadas. Na época, morávamos na roça e o frio era tão intenso que meu pai precisava acender o fogão a lenha para minha mãe poder me trocar no calor do “rabo do fogão”. Esse gesto simples e cheio de amor é uma das lembranças mais bonitas do início da minha vida.

Sempre fui uma aluna dedicada e apaixonada pelos estudos. Gostava de aprender, fazer as tarefas e tirar boas notas. Mas, desde cedo, enfrentei comparações e críticas. Enquanto minhas primas, filhas únicas, recebiam elogios, eu, sendo a filha do meio entre três irmãos, ouvia muitas vezes que não era tão boa quanto elas. Mesmo assim, eu acreditava que o estudo seria o caminho para realizar meus sonhos.

Quando me mudei da roça para a cidade, as coisas começaram a mudar. Comecei a namorar e, aos poucos, o interesse pelos estudos foi diminuindo. No meu segundo namoro, comecei a faltar às aulas para ir à casa dele. Aos poucos, deixei de lado o que mais gostava: estudar.

Mais tarde, quando chegou o momento de escolher uma faculdade, desisti. A irmã do meu namorado havia escolhido o mesmo curso, e, por medo de comparações e insegurança, decidi não seguir em frente. A vida foi passando, comecei a trabalhar, me tornei mãe de dois filhos e fui encontrando cada vez mais desculpas para adiar o sonho de voltar a estudar.

Até que, em um chá bar da minha prima, o destino resolveu me surpreender. Meu primo e padrinho de crisma, Plínio, que é diretor de uma faculdade em Sertãozinho, fez a minha inscrição, pagou a taxa e me disse “A prova é dia 12. Passe, e você fará faculdade de graça”.

Fiz a prova, e passei! Foi assim que tudo recomeçou. Hoje estou vivendo a maior experiência da minha vida, pois redescobri o quanto amo estudar e o quanto isso faz parte de quem eu sou. Mesmo sem apoio para cuidar dos meus filhos, sigo firme, me esforçando todos os dias para conciliar tudo.

A cada aula, me sinto mais viva, mais confiante e grata pela chance de recomeçar. Estar na faculdade é mais do que um sonho realizado é uma prova de superação, de amor próprio e de fé. O mesmo fogo que aqueceu meus primeiros dias de vida, lá no fogão a lenha da roça, é o que hoje mantém acesa a chama da minha vontade de vencer.

Hoje, essa chama arde em mim como fé, força e futuro e eu hei de obter o grau de Gestora de Recursos Humanos.

Dedico este recomeço aos meus filhos, que são minha força, e ao meu padrinho Plínio, que acreditou em mim, reacendendo o meu sonho de estudar.

VENCENDO O MEDO

Nair Aparecida Felix Carvalho



Casada, mãe, católica, cursando o GRH na Fatec Franca. Meu lema: Faça tudo por amor, no amor e com amor.

O tema central da minha história é vencer o medo. Eu sou Nair, hoje com 57 anos, e curso o segundo semestre de GRH na FATEC, Franca, após uma longa trajetória. Desde cedo, sempre gostei muito de ajudar as pessoas. Aos 18 anos, em 1987, enfrentei um primeiro desafio: prestei vestibular para Serviço Social na UNESP, apesar de ter feito o Ensino Médio em Contabilidade, o que, segundo minha própria professora, me desqualificava, o curso noturno era concorrido, mas, para meu espanto, fui aprovada na primeira chamada.

Comecei a faculdade enquanto trabalhava na linha de produção de uma fábrica de calçados. Ao descobrirem minha aprovação, fui promovida para o escritório, visando facilitar os futuros estágios. Fui trabalhar, mas o medo era avassalador: medo de não dar conta da rotina dupla, medo de não ser uma boa assistente social e medo de falhar no novo cargo do escritório. Eu tinha muito medo de não conseguir ser uma boa profissional. Após apenas dois meses, pedi demissão da empresa e abandonei a faculdade, sucumbindo àquele medo.

Os anos se passaram e, usei a minha vocação para ajudar na comunidade, pois, sendo católica praticante e coordenadora da Pastoral da Criança por oito anos, isso me proporcionou tal vivência. Minhas amigas,

assistentes sociais formadas, que trabalham no CRAS, costumavam me dizer: “Você não quis ser assistente social por medo, mas trabalha como uma profissional da área. A única diferença é que recebemos salário”. O envolvimento com pessoas sempre foi a minha essência.

Conheci meu marido na Calçados Guaraldo e, nos casamos em um ano e meio. Tivemos Lucas aos 23 anos. Passamos por dificuldades e, um mês após o casamento, perdi meu pai. Anos depois, quando Lucas tinha 5 anos e sonhava com um irmão, engravidei-me de Gabriel. Lucas escolheu o nome e todos os dias abençoava o irmão na minha barriga. Contudo, minha gestação foi marcada por uma angústia profunda e choro que eu não compreendia. O parto, em 1997, antecipou uma semana. Fui levada à Santa Casa pelo meu irmão e, nesse momento, eu chorava muito, não pela ausência do meu esposo (que estava trabalhando fora), mas pela angústia. Lembro-me de Lucas pulando de alegria em volta do carro. O parto foi difícil. Gabriel nasceu sem chorar e logo foi levado. Meu marido chegou e, no berçário, notou que a barriga dele enchia e murchava como uma bexiga, mas a enfermeira garantiu que estava tudo bem. Naquela época, não havia ultrassom morfológico e nem celular. À meia-noite, um médico entrou no meu quarto e me deu o diagnóstico de forma cruel: “Seu filho tem um problema. Faremos uma cirurgia amanhã, mas ele não vai sobreviver.” Meu mundo desabou. Gabriel tinha uma má-formação: o nervo diafragma não se formou, o intestino subiu e colou no pulmão e, o seu coraçãozinho estava do lado direito. Ele deveria ter nascido de cesárea e ido diretamente para a UTI, com o pulmão fortalecido por medicação. Mas, nada disso aconteceu. Ele ficou quatro horas em um berçário comum, o que foi fatal. Meu marido chegou na manhã seguinte e a cirurgia estava sendo finalizada; a imagem dele na incubadora, com a sua barriguinha aberta de um lado ao outro e sangue escorrendo de sua boquinha, foi de partir o nosso coração. No final da tarde, por volta das 17h, meu esposo e eu o batizamos na UTI. Dez minutos depois, Gabriel faleceu. O sofrimento foi imenso. Lucas, que

esperava o irmão, o viu voltar em um caixãozinho. A partir daquele dia, Lucas começou a gaguejar, sofrendo pela perda, uma dificuldade que só superou aos 13 anos, após muito acompanhamento e oração. Ele ainda luta com a dificuldade em lidar com perdas. Depois de um aborto, nasceu nossa filha Ana Laura, hoje com 25 anos. Após todos esses anos, em 2023/2024, decidi retomar a faculdade, impulsionada por uma formação de líderes em São Paulo que me mostrou minha capacidade. O foco agora era Gestão de Recursos Humanos (GRH) na Fatec Franca, por minha afinidade com o trabalho interpessoal. Disse a Lucas que pensava em prestar vestibular, e ele agiu rápido: fez minha inscrição e pagou.

No dia da prova, eu tinha um retiro espiritual e até cheguei a pensar em desistir, mas Lucas insistiu. Fui, mesmo sem estudar, pois fazia 38 anos que eu havia terminado o Ensino Médio e abandonado a primeira faculdade. Para minha surpresa, passei novamente na primeira chamada para o curso noturno uma vaga concorrida. Estar na faculdade aos 57 anos é como sentir Deus me dizendo para vencer esse medo que me paralisou a vida inteira. Fui insegura para o primeiro dia de aula, temendo ser a mais velha, mas fui muito bem acolhida por colegas e professores. Embora eu enfrente grandes desafios, principalmente com a informática, sei que preciso vencer esses obstáculos. Agradeço a Deus por cada dia de jornada e tenho fé que concluirei os três anos, vencendo, finalmente, o medo que me atormentou por toda a vida.

MEU STORYTELLING: minha trajetória até ingressar no curso de RH

Núbia Fernanda Venceslau da Silva



Nubia, 26 anos estudante de RH na Fatec Franca e técnico de contabilidade Etec.

Em uma terça-feira, às 9h20, nasceram uma filha e uma mãe. Minha mãe sempre relata esse momento com muita emoção, dizendo que o dia do meu nascimento foi o mais feliz da vida dela.

Cresci em um lar repleto de amor e carinho, onde pude ser uma criança feliz e afetuosa. Desde cedo, aprendi a me importar com o próximo e a ajudar quem precisa. Admito que não deixava meus pais tranquilos, pois era um pouco arteira. Lembro claramente das vezes em que me prendi na lavanderia, fazendo minha mãe segurar minha mão pela janela até meu pai chegar para me resgatar, ou daquela ocasião em que enfiei a cabeça na grade e precisaram chamar os bombeiros.

Quando me perguntavam o que eu queria ser quando crescesse, sempre tinha uma resposta diferente: já quis ser médica, professora, cabeleireira como meu pai, e até presidente do Brasil, tudo para poder ajudar as pessoas.

Com o passar dos anos, percebi que a vida não é tão simples e que as escolhas têm um custo. Pensei diversas vezes antes de decidir uma profissão, sabendo que essa decisão teria um impacto significativo.

No ensino médio, eu ainda não sabia qual caminho seguir e enfrentava

muitas dificuldades. Meus pais não me incentivavam muito a cursar faculdade, pois cresceram em um tempo em que estudar não era prioridade para muitos, mas sempre lamentaram por essa falta de conhecimento.

Cheguei a cogitar não estudar mais porque não me sentia intelectualmente capaz de conquistar uma vaga em uma faculdade pública ou de dar conta da vida acadêmica, pois sempre tive desafios na escola. Além disso, o bullying minou minha autoestima. Muitos colegas eram cruéis, chamando aqueles que tinham dificuldades de “burros” ou “retardados”, frases que me afetaram profundamente.

Essas palavras e o bullying por minha aparência e inteligência fizeram minha confiança oscilar muito, e a menina cheia de sonhos que eu era acabou se perdendo. A primeira faculdade que tentei foi Publicidade e Propaganda, pois sempre fui muito criativa e amo editar e criar conteúdo. Fiquei muito feliz quando passei no vestibular, mas o valor da faculdade, sem descontos, era muito alto para minha realidade. Com o coração pesado, precisei trancar o curso.

Depois disso, fiquei desanimada e prometi só voltar a estudar se realmente tivesse condições. Alguns anos depois, ao começar a trabalhar, descobri cursos online a distância e me inscrevi em Pedagogia. Apesar de ter gostado, com o tempo percebi que não era para mim e que estudar a distância exige uma disciplina enorme. Acabei trancando novamente.

Demorei anos para reencontrar coragem, tirar esse sonho do baú e lutar por minha formação, mostrando a mim mesma que sou capaz, tanto de entrar quanto de concluir uma faculdade. Nesse percurso, tive o apoio fundamental da minha irmã, que sempre me incentivou, dizendo que eu deveria estudar e não ligar para opiniões alheias.

Uma amiga também me motivou, avisando sobre vagas na faculdade e destacando que eu ainda era jovem para desistir dos estudos. Ela, apesar de casada e com filhos, decidiu voltar a estudar, e essa decisão me inspirou

profundamente. Foi nesse momento que resolvi me inscrever.

Não sabia se passaria, mas estava confiante, pois havia rompido meus medos e limitações. Senti que Deus me chamava a voltar a sonhar, abrir portas e até mesmo estudar dois cursos, se eu quisesse. E, para minha surpresa, recebi a notícia de que fui aprovada tanto na FATEC quanto na ETEC. Hoje estou realizando um sonho da minha criança interior dando orgulho a todas as minhas versões.

RETALHOS DE MIM MESMO

Pedro Philipe Vietro Silva



18 Anos. Nascido e criado em Franca-São Paulo, trabalho como social media na Nexdrones, curso Gestão de Recursos Humanos na Fatec Franca.

Não tenho vastas lembranças da infância, sempre fui uma criança quieta. Aquele garoto que mesmo tímido fazia questão de acolher os seus, que até sem saber o que significava tentava saber quem era a si mesmo.

Ao garoto que era fascinado pelas aulas de história, pois ali encontrava um enorme refúgio em saber que antes mesmo de mim houvera tantas outras pessoas que também não sabiam o que queriam ser delas mesmas. Surge o interesse pela profissão de ser um professor. Embora não tenha passado de uma admiração a tal, o terceiro ano marcou a minha vida com amigos que carrego no peito, assim como diversas pessoas que ousaram a se fragmentar a um pouco do que sou hoje.

Sei que sempre fui aquele em que os amigos confiavam, e tinham facilidade de se abrir, até então o que pudesse ser somente uma facilidade oculta não vista nem por mim mesmo como qualidade passa a avançar para um passo um pouco maior.

Bom, o tempo passa, e ainda bem que ele passa. Chegado o fim dos estudos, e uma longa jornada de conhecimento de mim mesmo, vi que essa

facilidade na verdade pudesse uma vocação. E é aí que a minha história se cruza com o da Fatec, ou seria melhor dizer, é daí que surge um novo caminho.

Para quem não traçava planos, pois não pensava chegar nem mesmo a maior idade, hoje escreve sobre si mesmo com orgulho de quem é. Ao decidir apostar todas as suas fichas em entrar em um curso de Recursos Humanos, não só uma, mas todas as suas fichas te levaram ao mesmo caminho. A aprovação em três universidades o mostrou que Deus estava sim ouvindo o que nem mesmo ele sabia pedir.

Agora finalizando o primeiro ano de formação, vi que realmente não é necessário explicação para as coisas feitas pelo coração. Entendo que estou trilhando um bom caminho, e de que não tenho dúvidas das escolhas que tomei até chegar aqui, pois aonde toco a planta dos meus pés caminhos se ladrilham para que eu possa passar.

É perceptível que ainda sou o mesmo Pedro, e que não mudaria nada nessa história, que narra somente a mim mesmo.

MINHA JORNADA ATÉ A FACULDADE

Rafaela Maria Junqueira Santos



Rafaela Maria Junqueira Santos – Graduanda em Gestão de Recursos Humanos, com experiência em atividades administrativas e atendimento ao cliente. Atualmente atua como assistente administrativa júnior e recepcionista em imobiliária, auxiliando processos de vendas e cadastro de imóveis. Busca crescimento profissional na área de RH, aplicando habilidades em organização, comunicação e desenvolvimento humano.

Meu nome é Rafaela, e se eu pudesse resumir quem eu sou hoje, diria que aprendi que, mesmo quando coisas ruins acontecem, tudo passa – e a gente sempre consegue recomeçar e ficar bem de novo. Essa frase representa a forma como encaro a vida e o caminho que trilhei até chegar à faculdade.

Nasci e cresci em Franca, e minha infância foi tranquila, embora a situação financeira da minha família nem sempre tenha sido fácil. Aprendi desde cedo a valorizar o esforço, a simplicidade e o trabalho. Cresci vendo minha mãe e meu padrasto batalhando todos os dias para oferecer o melhor dentro das possibilidades. Eles sempre foram minha base, meu exemplo e minha força nos momentos mais difíceis.

Durante muito tempo, eu me senti sem direção. Tentei estudar outras áreas, busquei caminhos diferentes, mas nada parecia realmente se encaixar. Foram fases de dúvida, frustração e recomeços que não davam certo. Além dos desafios da vida, precisei aprender a lidar com algo ainda mais interno: a depressão, a ansiedade e a fobia social. Durante anos, essas condições me acompanharam e, em muitos momentos, me fizeram acreditar que eu não seria capaz de enfrentar o mundo fora da minha zona de conforto.

Vencer minha fobia foi o primeiro passo para mudar minha história. Foi um processo lento e cheio de altos e baixos, mas fundamental para eu reencontrar a vontade de crescer. Quando decidi tentar o vestibular, foi mais do que uma escolha acadêmica – foi uma vitória pessoal. Estudar, me dedicar e acreditar que eu poderia começar uma faculdade foi o início de uma nova fase da minha vida. Quando vi que tinha passado, senti uma mistura de alegria, gratidão e orgulho. Eu estava provando para mim mesma que era capaz de vencer os medos que antes me paralisavam.

A escolha pelo curso de Gestão de Recursos Humanos veio do meu interesse por pessoas. Sempre achei incrível como o ambiente de trabalho pode mudar a vida de alguém e como o ser humano é o centro de qualquer organização. Eu queria entender melhor esse processo, aprender a lidar com pessoas de forma empática e construir um caminho profissional que unisse razão e sensibilidade.

Hoje, trabalho como assistente administrativa júnior e recepcionista em uma imobiliária, ajudando os corretores com o sistema e o cadastro de imóveis. Essa experiência tem me ensinado o valor da organização, da responsabilidade e da convivência. Mesmo nos dias difíceis, é o contato com as pessoas e o aprendizado diário que me motivam a seguir.

Conciliar o trabalho com a faculdade e o tratamento da depressão e da ansiedade nem sempre é fácil, mas cada conquista, por menor que pareça, representa um passo enorme na minha superação. Tenho orgulho de estar

conseguindo equilibrar tudo isso e seguir firme, mesmo com os medos e incertezas que ainda existem.

Meu objetivo é me formar, conquistar meu diploma e seguir um caminho acadêmico que me permita continuar evoluindo. Quero atuar na área de Recursos Humanos ou crescer na empresa em que estou, aplicando tudo o que venho aprendendo. Mais do que uma profissão, busco uma vida com propósito e equilíbrio, onde eu possa crescer e ajudar outras pessoas a acreditarem em si mesmas.

Hoje, olho para trás e vejo que cada dificuldade – seja financeira, emocional ou pessoal – me trouxe até aqui. Aprendi que o medo não precisa ser o fim de nada; ele pode ser o início de uma nova história. E essa história é minha, escrita com coragem, paciência e vontade de vencer.

Porque no fim das contas, a vida é feita de recomeços, e este é apenas o meu.

STORYTELLING: minha trajetória até o curso de Recursos Humanos

Raica Ribeiro do Nascimento Chiquito



Estudante de Recursos Humanos pela Fatec, com interesse em comportamento e desenvolvimento humano. Atua com foco em comunicação, escuta ativa e relações interpessoais.

Meu nome é Raica Ribeiro do Nascimento Chiquito. Sou a filha mais velha de três irmãs e cresci em Santa Rosa de Viterbo, uma cidade pequena do interior de São Paulo onde as oportunidades nem sempre chegavam com facilidade. Desde cedo, aprendi a lidar com responsabilidades, a ser referência dentro de casa e a olhar para o futuro com um misto de incerteza e vontade de ir além do que o meu contexto oferecia.

Durante o ensino médio, eu ainda não sabia exatamente qual caminho seguir. Cogitei muitas áreas, como Letras, Jornalismo, cursos voltados à comunicação, além de Psicologia e Recursos Humanos. Cada opção refletia um pouco das minhas curiosidades e do meu desejo de trabalhar com pessoas, histórias e comportamentos. Foi nesse período, cheio de dúvidas e possibilidades, que surgiu o Provão Paulista, trazendo uma oportunidade concreta de transformar minha realidade.

Quando a aprovação saiu, não foi apenas um resultado positivo, foi o início de uma nova fase repleta de descobertas, desafios e amadurecimento.

Deixar Santa Rosa de Viterbo e vir sozinha para outra cidade foi um dos maiores passos que já dei. No começo, tudo parecia grande demais, da distância até a adaptação a um ritmo totalmente novo. Essa mudança, porém, me ensinou independência, responsabilidade e, principalmente, coragem. Mesmo longe, o apoio da minha família e dos meus antigos professores nunca faltou. Ser a primeira da minha família a entrar em uma universidade pública é um orgulho que me acompanha todos os dias.

Sempre fui uma pessoa muito observadora. Desde pequena, prestava atenção no comportamento das pessoas, no jeito como se relacionavam, se expressavam e reagiam ao mundo ao redor. O curso de Recursos Humanos estava entre várias possibilidades, mas, conforme fui conhecendo a área, percebi que ela reunia tudo aquilo que sempre fez sentido para mim, empatia, convivência, escuta e a chance de tornar ambientes de trabalho mais humanos e acolhedores.

Hoje, no segundo semestre, compreendo que RH vai muito além de processos e contratações. Trabalhar com pessoas significa acolher histórias, reconhecer fragilidades, enxergar potencial e ajudar cada indivíduo a encontrar seu espaço. É construir ambientes onde todos possam crescer com dignidade, respeito e propósito.

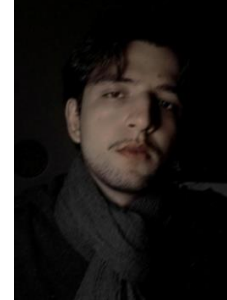
No futuro, quero unir duas áreas que sempre fizeram parte das minhas escolhas, Recursos Humanos e Psicologia. Acredito que essa combinação vai me permitir enxergar o ser humano por completo, considerando aspectos emocionais, sociais e profissionais. Mais do que escolher uma carreira, sinto que estou seguindo um propósito, contribuir para o desenvolvimento das pessoas e para o bem-estar de cada organização da qual eu fizer parte.

Ao olhar para a minha trajetória até aqui, percebo que cada escolha teve significado. Da infância no interior à mudança de cidade, da indecisão entre tantos cursos à certeza que encontrei no caminho, tudo me trouxe até este momento. E, se existe algo que aprendi, é que entender pessoas também é

uma forma de entender o mundo, e é isso que me move todos os dias.

MEU STORYTELLING

Raphael de Souza Cruz



Tenho 23 anos e atualmente estou cursando Gestão de Recursos Humanos na Fatec Franca.

Em meus primeiros 5 anos de vida aprendendo a engatinhar, chorando pouco e sendo um bebê de fria personalidade, ao mesmo tempo descobrindo o amor materno de uma mãe que sofria para criá-lo sozinha em um mundo impiedoso que a todo momento testava sua sanidade, felizmente a mesma conseguiu lhe proporcionar uma vida melhor no futuro.

Dos 5 anos de idade aos 10 me encontrava descobrindo o que a vida tinha para me oferecer, minha infância não foi completamente deprimente e sofrida, ao menos 60% dos meus dias podiam ser divertidos e felizes, passei por diversas situações complicadas mas isso nunca me desmotivou a viver cada dia como se fosse único pois não me importava muito com os problemas mesmo vendo meus pais lutarem pra que eu tivesse um futuro descente, muitas vezes deixando de comer pra que eu pudesse almoçar ou até mesmo jantar, conseguia perceber que os dois estavam sofrendo mas não podia fazer nada além observa-los em silêncio.

Aos meus 10 a 15 anos vivi momentos complicados na separação dos meus pais, onde isso afetou meu psicológico tão intensamente que marcou-me pela vida toda, porém, não me deixei levar pela tristeza e amargura, acabei criando uma personalidade única, que não demonstrava fraqueza e nem

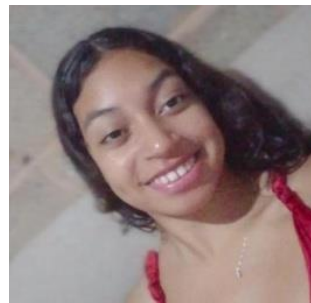
mesmo deixava de sorrir em momentos difíceis, isso me ajudou a sobreviver até minha adolescência, tive momentos muito felizes sim, nunca tive fatura em relação a vida financeira mas podia ver as coisas boas que a educação dos meus pais me trariam.

Dos meus 15 aos 20 anos as coisas foram um pouco conturbadas, era meio desleixado em relação a escola, sempre medíocre com minhas notas, tendo pouca visão de futuro e vivendo apenas o presente, nesta passagem de tempo vivi o período mais sofrido de todos com relação às piadas de mau gosto sobre minha aparência, porém não me deixei levar, após deixar o ensino médio, entrei para a faculdade de Design Gráfico da Unifran, lá estudei cerca de 6 a 7 meses quando o inesperado aconteceu, Covid 19 havia aparecido sem aviso, sem opções tranquei meu curso e acabei sendo contratado 2 anos depois para a empresa arcos dourados (Mc Donalds) onde trabalhei por 9 meses, sofridos sim, mas também foi o que me ensinou muitas coisas sobre a vida adulta, depois de lá entrei para a empresa Magalu como atendente de Call center, onde fiquei apenas 3 meses, logo após a saída da empresa, voltei para os estudos, onde prestei vestibular para o sistema Etec de técnico em Contabilidade, me formei e um ano depois entrei pra faculdade de Recursos Humanos.

Atualmente aos meus 23 anos me encontro trilhando uma boa carreira, fui contratado na empresa HAVAN que nas quais sai logo no final do período de experiência para estagiário em um dos setores da administração pública da prefeitura de Franca.

STORYTELLING DA SUZANA

Suzana Fernandes Cosmo Costa



Suzana, tenho 18 anos. Moro em Patrocínio Paulista. Atualmente cursando RH.

Quando criança gostava de muito de ir para a fazenda em que meus avós moram, para que eu pudesse brincar com os documentos que o escritório da fazenda jogava fora, estar ali brincando com aquelas folhas vendo aqueles números nos quais eu ainda não era capaz de compreender era como se nada pudesse me abalar era a melhor sensação do mundo.

Des de criança sempre tive o mesmo sonho de um dia poder trabalhar em um escritório e finalmente poder trabalhar com aquelas folhas que só hoje consigo compreender. Deste modo posso afirmar que estou vivendo a fase mais importante da minha vida, a caminhada rumo ao meu futuro profissional.

Como muitos jovens da minha geração, estou em busca do meu espaço no mundo profissional. Mas, para mim, estar “desempregada” não significa estar parada significa estar em movimento: aprendendo, observando e me preparando para o que vem pela frente.

Desde cedo, percebi que o sucesso não começa com um crachá, mas com atitude. Enquanto muitos veem o desemprego como um fim, eu escolhi encarar esse momento como um começo a chance de descobrir minhas habilidades, desenvolver novas competências e me entender melhor como pessoa e como futura profissional.

Cada dia é um novo capítulo cheio de pequenas vitórias invisíveis: um curso online que concluo, um currículo que aprimoro, uma conversa que me inspira. Esses passos silenciosos são os que constroem o caminho para algo maior.

Acredito que a jornada não começa quando conquistamos um emprego ou um diploma, mas sim quando decidimos acreditar em nós mesmos. Foi essa crença que me trouxe até aqui e é ela que me motiva a continuar.

Mesmo diante dos desafios e da incerteza, escolho enxergar esse momento como uma oportunidade de crescimento. Cada obstáculo me ensina algo novo: paciência, resiliência e, principalmente, o valor do aprendizado contínuo.

Meu objetivo é transformar conhecimento em ação desenvolver habilidades que me permitam contribuir, crescer e fazer a diferença onde quer que eu esteja. Mais do que isso, quero inspirar outros jovens a reconhecer o valor de suas próprias jornadas. O início pode ser desafiador, mas com paixão, persistência e propósito, todos podemos encontrar nosso lugar no mundo.

Porque, no fim das contas, a verdadeira jornada começa dentro de nós com a coragem de acreditar no próprio potencial.

MINHA TRAJETÓRIA: até a Fatec

Thaisy Cleto dos Santos



Atuante como Auxiliar em Saúde Bucal e estudante de Gestão de Recursos Humanos, Thaisy busca desenvolvendo contínuo. Gosta de ler, viajar e viver experiências que contribuam para seu crescimento, buscando sempre evoluir como pessoa.

Eu cresci em uma família muito humilde, onde o estudo nunca foi visto como prioridade.

Meus pais não tinham muito conhecimento sobre o quanto a educação podia transformar uma vida, então eu nunca tive incentivo em casa para estudar. Ninguém me acompanhava ou sabia ao certo como me ajudar nesse caminho.

Eu estudava quando queria e da forma que conseguia, sem saber direito a importância que aquilo teria no futuro.

Sempre fui uma pessoa quieta e reservada e hoje entendo que muito disso vinha da minha insegurança. Não sei exatamente o que a despertou, ou se já nasci assim, mas ela sempre esteve ali, silenciosa.

Na adolescência, por um breve momento, pensei em fazer Odontologia. Mas, na cabeça da minha família, faculdade era coisa de gente rica, e como eu não conhecia outra realidade, guardei esse sonho dentro de mim.

Quando entrei no colegial, precisei estudar à noite para poder trabalhar. Consegui meu primeiro emprego registrado em uma fábrica de calçados. Foi uma fase difícil, eu não gostava, me sentia exausta e infeliz. Meu desempenho na escola caiu, e acabei abandonando o terceiro colegial antes de concluir.

Essa foi uma das maiores cargas que carreguei por muitos anos. Eu sentia vergonha, inferior e tinha medo do julgamento, e escondi isso de muita gente. Fiz algumas tentativas para terminar o ensino médio ENCCEJA, ENEM, mas nunca conseguia passar por causa da redação, que sempre foi meu ponto fraco. Eu me cobrava demais e acabava travando. Mesmo assim, a vontade de concluir os estudos nunca me deixou.

Em 2019, decidi que ia voltar a estudar presencialmente, custasse o que custasse. Voltei, estudei e, finalmente, concluí o ensino médio. Foi uma das maiores vitórias da minha vida.

Com isso, voltei a pensar em fazer uma faculdade. Sonhei com Turismo já que amo viajar e planejar viagens, pensei em Educação Física, para tentar me envolver mais com atividades físicas, e até em Biblioteconomia, porque sempre gostei de livros e já tive vontade de trabalhar em uma biblioteca.

Fiz o vestibular da Unifran, para Educação Física, e ganhei uma bolsa de 50%, mas na época eu estava desempregada e não tinha condições financeiras de começar. Ainda assim, a vontade de seguir em frente continuava ali, firme.

Já atuando como Auxiliar em Saúde Bucal, profissão que conheci antes mesmo de terminar o ensino médio. Fiz dois cursos na área, um mais curto e outro de um ano. Trabalhei em clínicas, e consultórios, muitas vezes em jornadas exaustivas de doze horas. Foram anos intensos de aprendizado, mas também de desgaste.

Em 2020, comecei a morar sozinha. E mesmo com todos os desafios, essa nova fase me trouxe independência e autoconhecimento. Eu trabalhava, me sustentava e comecei a pensar de novo em estudar.

Em meio a tudo isso, comecei a fazer terapia, em 2021. Foi um divisor de águas na minha vida. A terapia me ajudou a olhar para mim com mais carinho, a entender minhas dores e a me fortalecer emocionalmente.

No começo de 2024, comecei a me interessar por Contabilidade. Pesquisei sobre o curso, mas ainda me sentia insegura sobre qual caminho seguir. Em meados de agosto do mesmo ano, fui desligada do local onde trabalhava. Fiquei abalada, me questionei muito, mas, com o tempo, entendi que talvez aquilo fosse o empurrão que eu precisava para mudar.

Me inscrevi no vestibular da Etec para o curso técnico em Contabilidade e estudei bastante para esse curso. Foi então que recebi uma ligação que mudou tudo: era a professora Ana Salomão, da Fatec, falando sobre o vestibular gratuito da instituição. No começo, achei que fosse golpe, mas não era. Era real.

Aquilo me despertou algo. Eu pensei: “Por que não tentar?”

Estudei um pouco, meio desacreditada, e no dia da prova quase desisti de ir. Mas lembrei das palavras da minha terapeuta: “Mesmo que você não tenha vontade, vá.” E fui.

A prova foi difícil, e na redação eu travei como sempre. Mas o tema falava sobre leitura, e como eu amo ler, escrevi, da forma que sabia.

No dia da divulgação da Classificação geral, entrei no site para ver o resultado sem grandes expectativas. Comecei a procurar meu nome no fim da lista, achando que não teria passado. Até que vi meu nome, em quinto lugar.

Naquele momento, tudo mudou. A ficha demorou a cair. Eu tinha passado em uma faculdade pública algo que, por muito tempo, achei que não era para mim.

Na primeira semana de aula, eu fui para poder ver e conhecer mais sobre o curso, o ambiente, os professores, os colegas e tudo me fez perceber que eu estava exatamente onde deveria estar.

Mas nem tudo é fácil. Teve um momento em que, mesmo já tomado a

decisão de cursa GRH e tudo estar indo bem em sala, comecei a me sentir uma impostora, sentia medo de ter tido algum erro no sistema, e que talvez tivesse passado por engano. Por mais que eu tentasse validar essa conquista, uma parte de mim acreditava que eu não deveria estar na quele lugar,

E foi desabafando com uma amiga, sobre meus receios, que ela abriu meus olhos, e me fez perceber que eu estava me sabotando e que, muitas vezes, o maior desafio não é o caminho, mas o que a gente acredita sobre nós mesmos.

Hoje, eu olho para trás e vejo quantas voltas a vida deu até eu chegar aqui. Foram anos de tentativas, quedas, superações e recomeços.

Entrar na FATEC é uma conquista, concluir o curso e atuar nessa área será uma grande realização.

Mesmo com os desafios que surgem no caminho, sigo tentando. Faço isso pela criança que eu fui, pela mulher que sou hoje e pela pessoa que ainda vou me tornar.

AMOR E FÉ

Verônica de Melo Vieira



Sou uma profissional/filha dedicada, alegre e comunicativa, que encontra inspiração na vida e nas pessoas ao seu redor. Acredito que cada encontro é uma oportunidade de aprendizado. Busco propósitos a tudo que faço, transformando desafios em caminhos de evolução.

Desde pequena, o mundo me parecia um lugar cheio de encantos escondidos, as tardes na casa da minha avó eram um refúgio de amor, histórias e aprendizados. Enquanto meus pais trabalhavam, eu dividia os dias com ela, ajudando em tudo que fosse possível, dava banho, arrumava a casa, preparava pequenas coisas para comermos e, no fim da tarde, deitava ao seu lado para ouvir os causos de quando morava na roça.

Aquelas histórias tinham o poder de transformar o simples em mágico. Não havia luxo, mas havia amor, cumplicidade e um sentimento de pertencimento que me acompanha pela vida. Minha avó, mesmo em sua cadeira de rodas, me ensinou que força não tem a ver com o corpo, mas com o coração. Assim foram anos.

Eu cresci acreditando nisso, que o verdadeiro valor da vida está nas pessoas e nos laços que construímos com elas, talvez, sem perceber, foi ali que nasceu minha paixão por cuidar, ouvir e compreender o outro.

Na adolescência, busquei meus primeiros passos no mundo profissional.

Entre 15 e 16 anos, fiz um curso de auxiliar administrativo e, logo em seguida, conquistei meu primeiro emprego como menor aprendiz na loja Zema aqui da cidade.

Foram cinco anos e meio de muito aprendizado, convivendo diariamente com pessoas de diferentes perfis e histórias.

Eu gostava dessa convivência, mas trabalhava na área de vendas e, apesar de admirar o que fazia, sabia que não era onde meu coração queria ficar.

Com o passar do tempo, migrei para o setor administrativo, trabalhei em diferentes empresas, e nesse ambiente me sentia mais à vontade pois sempre tive facilidade com documentos, planilhas, organização e o uso do computador.

Era um espaço que eu dominava bem, mas, ainda assim, sentia que algo faltava, havia em mim o desejo de fazer mais, de contribuir de uma forma mais significativa.

Em 2019, um ano que marcou profundamente minha trajetória, decidi trancar a faculdade de Biomedicina que cursava e repensar meus caminhos e foi também o ano em que perdi minha avó, meu ponto de equilíbrio, minha referência, o alicerce da minha história e pouco tempo depois, perdi também o emprego que havia sido meu primeiro passo no mercado de trabalho.

Foram perdas que me fizeram acreditar, por um tempo, que tudo havia parado, mas foi nesse silêncio que comecei a me reencontrar. Passei a refletir sobre quem eu era e o que realmente me fazia feliz.

Descobri, com fé e paciência, que o tempo de Deus é diferente do nosso, e que cada acontecimento tem um propósito maior.

Com o tempo, percebi que todas as minhas experiências, desde a infância até ali, apontavam para um mesmo caminho: o de lidar com pessoas.

Foi assim que encontrei na Gestão de Pessoas que eu acredito que seja meu verdadeiro propósito. Entendi que é nesse campo que posso unir minhas

habilidades técnicas, meu amor por compreender o outro e meu desejo de transformar ambientes através do respeito e da empatia.

A cada passo nessa jornada, percebo que não foi por acaso, cada aprendizado, cada desafio e cada perda me lapidaram para me tornar quem sou hoje.

EM CADA PASSO, UMA HISTÓRIA INCRÍVEL

"Eu vos chamo, ó meu Deus, porque me ouvís; inclinai vosso ouvido e escutai-me." (Sl 16)

Em tudo, daí graças, pois o bom Deus opera maravilhas em nossas vidas e disso sou testemunha.

Vinicius da Silva Vilas Boas



Estudante do curso de Gestão de Recursos Humanos, colaborador no grupo Santa Casa de Franca, Católico por amor e vocação.

Meu nome é Vinicius da Silva Vilas Boas, nascido em 24 de junho, dia de São João Batista, uma data festiva, no distante 1999. Minha mãe, Denise Aparecida da Silva, sempre gosta de lembrar que era um dia muito frio, mas a vida veio acender a fogueira da alegria em nossa casa. Meu pai, Eurípedes dos Reis Vilas Boas, é um homem único, que me inspirou e ainda me inspira todos os dias a ser quem sou hoje.

Nascido e gerado na minha amada cidade de Franca, foi aqui que criei raízes, colecionei memórias e guardei muitas realizações. Foi também nesta cidade que descobri o valor mágico de algo muito precioso, que só quem vive pode compreender: ser criado pelos avós. A eles, elevo aos céus minhas preces e meus eternos agradecimentos. Ao meu avô José Antônio, que partiu cedo, mas deixou viva a memória de sua presença fraterna e iluminada. E à

Dona Juvercina, que permaneceu firme, cuidando de tudo com uma força que impressiona e uma motivação sem limites, trazendo as marcas de uma geração que lapidou o futuro de minha geração com amor e dedicação. As bênçãos do Senhor, porém, não terminam aí. Aos meus avós Jamir e Cleide, como é bom continuar sendo o netinho de vocês! Fui o primeiro da fila e, é especial demais, tê-los ao meu lado, sempre. 18 anos mais tarde, meu pai com a família linda que veio constituir me presenteou com o melhor de todos os presentes, meu irmão, João Emanuel, que veio iluminar nossas vidas, alegrar nossos dias e tornar único cada momento desta trajetória.

Contemplando o que vivi até aqui, percebo com clareza que todas as experiências foram maravilhosas e marcantes. Recordo-me com carinho o tempo de pré-escola, depois os estudos do 1º ao 4º ano na E.E. Jerônimo Barbosa Sandoval, em Franca. Em seguida, iniciei minha jornada na E.E. Evaristo Fabrício, onde permaneci por oito anos de alegrias, aprendizados e boas amizades e lembranças que guardo com gratidão.

Minha trajetória profissional começou com o curso de Aprendizagem no Senac Franca, ao mesmo tempo em que atuei como menor aprendiz na Prefeitura Municipal de Franca. Foi meu primeiro emprego registrado e minha primeira experiência no serviço público, que me causou espanto e identificação ao mesmo tempo. E é esse sentimento de servir que continua prevalecendo até hoje.

Guardo também com saudade o período do curso Técnico em Administração pela Etec, um tempo de muito aprendizado, boas risadas e excelentes professores. De lá pra cá, muita coisa mudou. Entre aulas de natação, basquete, inglês e até um período no taekwondo, iniciei uma nova jornada profissional em uma distribuidora de alimentos, onde aprendi sobre a rotina de uma organização e os desafios do mercado de trabalho e do empreendedorismo no Brasil. Mas, a essa altura, meu coração já se inclinava para outra área. Foi então que o bondoso Deus abriu o caminho para me tornar

servidor público municipal em Altinópolis.

Cheguei como forasteiro, quase perdido em uma nova realidade, e ali colaborei no setor de arrecadação, primeiro como leitor de contas de água e depois como atendente de recepção. Guardo no coração a experiência de servir ao propósito de fazer do serviço público um serviço bem prestado, planejado e útil a todos.

Como nem tudo são flores, também enfrentei situações que me fizeram refletir sobre o valor da vida e de recomeçar. Recordo-me quando acordei em um hospital após uma queda de moto, entregue à cirurgia e à colocação de parafusos, entre fisioterapias e limitações, hoje momentâneas, pude rever o valor da colaboração humana uns para os outros e a gratidão por tudo que Deus revela nos detalhes de quem estende a mão para recomeçar.

Por desígnio divino pois aquele que nos guia sempre sabe o caminho que devemos trilhar hoje coloco meu servir a serviço do Grupo Santa Casa de Franca. Mudam-se as estruturas, mas permanece o sentido e a motivação para seguir servindo. “Servir” é uma palavra que há muito tempo faz parte do meu vocabulário.

Posso afirmar que a essência da minha vida é apreciar as maravilhas e a bondade de Deus em cada detalhe tudo planejado com amor divino, fonte de toda a força e vivacidade necessárias para seguir em frente. Desde pequeno, lembro-me de meus pais me ensinando a rezar. Como era bom saber que, à noite, sempre rezaríamos o Pai-Nosso. Mais tarde, minha avó, com a disciplina de uma geração alicerçada na fé, me encantou com a oração da Salve Rainha, o Creio e tantas outras preces que aquecem o coração, mesmo antes de entendermos plenamente suas palavras. Com o tempo, tudo ganha forma e um novo sentido.

E foi nesse sentido que me encontrei, após o período da catequese, com aquilo que posso chamar de a grande vocação e realização da minha jornada: servir a Jesus Cristo, Rei e Senhor de todas as coisas. Tornei-me um pequeno

instrumento em Suas mãos, como leitor na Santa Missa e quanta alegria há em sentir o amor de Deus transbordar por meio do serviço e da evangelização, sob a intercessão de Maria, Sua e nossa Mãe. Como leitor, missionário ou leigo a serviço do evangelho, sempre busco dar graças. Já são 16 anos de vida em comunidade, com aprendizados constantes, recomeços únicos e uma fé que se renova a cada passo. O amor de Deus não tem fronteiras e, quando amamos, não sofremos com limites.

De lá para cá, muitas histórias se passaram. Mas posso afirmar que, nesta fase da vida, quero expressar minha alegria por tudo o que vivi, sem exceção, pois cada momento trouxe a dose certa de aprendizado, correção e necessidade.

Agora, resta seguir ao desconhecido, porém muito mais preparado. Quando pensei que não havia mais o que dizer ou fazer, apenas viver um dia de cada vez, Deus o bom e sábio Mestre, que guia esta jornada preparou uma grata surpresa: tornar-me aluno da Fatec Franca. Após um convite super especial e vem ao encontro de uma necessidade interna que há muito falava em meu coração, hoje se tornou realidade ao lado de pessoas incríveis e especiais, partilho o curso de Gestão de Recursos Humanos. Que alegria fazer parte dessa comunhão de aprendizado e acolhimento! Que alegria viver este momento e todos os que ainda virão! Sou aluno, mas logo um profissional de GRH.

MEU STORYTELLING

Vinicius Silva Caires Pinheiro



Meu nome é Vinicius, tenho 18 anos e atualmente estou cursando Gestão de Recursos Humanos na Fatec Franca.

Nasci em 26 de novembro de 2006, ainda sem imaginar o quanto minha vida seria marcada por vínculos profundos, desafios intensos e momentos que moldariam completamente quem sou hoje. Desde muito cedo, fui envolvido em um universo particular: jogos e rock. Foi meu pai quem abriu essa porta. As tardes ouvindo *riffs* marcantes, partidas eletrizantes e conversas que iam de besteiras a sonhos criaram entre nós um laço que até hoje carrego como um dos mais importantes da minha vida. Mas o destino, às vezes, gosta de testar a força desses laços.

Em meados de 2018, quando eu ainda era jovem demais para entender completamente o peso das coisas, recebi a notícia que quebraria meu chão: meu pai estava com câncer. Por meses, a palavra se repetia na minha cabeça como um eco frio, algo impossível de ignorar.

Ele foi para Campinas fazer o tratamento, e eu fiquei um ano e meio longe dele. Foi um período estranho, silencioso, onde tudo parecia meio suspenso. Eu ia vivendo, estudando, seguindo a rotina... Mas sempre com um pedaço de mim faltando. A preocupação se misturava à saudade, e a saudade se misturava ao medo. Mesmo assim, mantive a esperança – talvez até mais

por necessidade do que por convicção.

E, felizmente, ele melhorou. Voltou pra casa. Voltou pra mim. Voltou para os riffs de guitarra e para as histórias que sempre me fizeram rir.

Quando pensei que as coisas se estabilizariam, veio outro golpe. Em 2019, meu pai perdeu completamente a visão de um olho e parte da visão do outro. Ver ele passar por isso foi doloroso, quase revoltante, mas ao mesmo tempo me ensinou sobre resiliência. Mesmo diante de tudo, ele continuou forte – e isso me ensinou a ser forte também.

Com minha mãe sempre tive um laço forte, mas carregado de altos e baixos. Às vezes parecia que a gente se entendia sem falar nada; em outras, bastava um olhar para surgir um conflito. Mas apesar das turbulências, sei que ela é parte essencial da minha construção, e que muito do meu jeito meu humor, minha postura, minha forma de enfrentar o mundo vem dela.

Apesar de tudo, vivi momentos simples, porém felizes. Já viajei de avião e já fui à praia, e ainda lembro da sensação de ver o mar pela primeira vez: imenso, barulhento, e ao mesmo tempo tranquilizador. Coisas assim ajudam a lembrar que o mundo é maior que os problemas.

Hoje, carrego dentro de mim uma série de vontades e sonhos. Quero aprender guitarra, deixar meus dedos correrem pelas cordas como os artistas que meu pai me apresentou. Quero cantar, quem sabe até participar de uma banda e viver um pouco do espírito que sempre admirei nas músicas que marcaram minha vida.

Apesar disso, o caminho que segui por enquanto foi outro. Embora tenha vontade de cursar Psicologia, atualmente estudo Gestão de Recursos Humanos (GRH) – e tento encontrar sentido e propósito em cada novo passo.

Sou, acima de tudo, alguém carismático, engraçado, com uma visão de mundo moldada por dores, vitórias, medos e sonhos. Alguém que aprendeu cedo demais sobre perdas, mas também cedo demais sobre amor, força e esperança. E ainda estou apenas no começo da minha história.

CONSTRUINDO MINHA CARREIRA COM PESSOAS: a história por trás da escolha pelo curso de Recursos Humanos

Yara de Jesus Souza



Yara, estudante de Gestão de Recursos Humanos, com experiência em rotinas de equipe. Comunicativa, organizada e motivada pelo desenvolvimento humano e pela compreensão do comportamento das pessoas.

Em São Paulo, no dia 14 de Março de 2006 eu cheguei ao mundo, e cheguei para trazer alegria a uma casa onde o luto fazia morada. Meu avô havia falecido pouco antes e desde então tudo deixou de ter um sentido na vida de quem o amava, o meu nascimento representou um recomeço para minha família e o início de uma vida cheia de sonhos e esperança para mim.

Cresci em uma família onde as mulheres são maioria, e desde cedo aprendi a observar cada uma delas e toda força que elas carregam dentro de si. Ao longo da minha trajetória elas foram minha motivação para que eu pudesse me manter de pé e continuar correndo atrás daquilo que almejo.

Minha trajetória profissional começou quando me mudei para Franca-SP, onde, com apenas 16 anos consegui meu primeiro emprego e pude explorar o tão conhecido mercado de trabalho. Neste período pude conhecer novas pessoas e entender como funcionava um trabalho em equipe, além de que também precisei aprender lidar com a frustração e como uma má gestão

pode nos desmotivar.

Segui em frente, pois não deixaria de acreditar nos meus sonhos. Foi então que conheci a Gestão de Pessoas, durante o curso de aprendizagem no Senac Franca, e tive como inspiração uma professora maravilhosa que me fez descobrir o mundo da psicologia à importância de respeitar as individualidades de cada um durante uma jornada empresarial. A partir disso, comecei a buscar mais sobre como poderia ajudar e desenvolver as pessoas dentro de uma empresa e foi assim que conheci o RH que me deixou apaixonada pela área.

Atualmente, estou no início da minha graduação em Gestão de Recursos Humanos, e pretendo cursar uma pós-graduação em Psicologia para me tornar uma profissional que ajuda, inspira e deixa uma marca de esperança por onde passa.